LIBRARY OF PRINCETON
JUN 10 2004
THEOLOGICAL SEMINARY

PER BX1970.A1 L513

Revista gregoriana.

Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/revistagregorian1059inst

# Revista GREGORIANA

ANO X

etembro — Dezembro

1963

LIBRARY OF PRINCETON
JAN 23 1980
THEOLOGICAL SEMINARY

59-60

*10 ANOS* ..... 2

*OLHA PARA A ESTRÊLA, CHAMA POR MARIA* ..... 5

*HOMILIA SÔBRE O EVANGELHO: "MISSUS EST"* ..... 10

*PAULO VI E A LITURGIA* ..... 21

*SENTIDO COMUNITÁRIO DA SAGRADA LITURGIA* ..... 26

*UM PIONEIRO DA MÚSICA INDIANA A SERVIÇO DA IGREJA* ..... 41

*VIDA DO INSTITUTO* ..... 46

*CRÔNICAS RADIOFÔNICAS (D.J.E.E.)*

*João XXIII e as quatro colunas da Paz* ..... 52

*Liberdade, para que?* ..... 54

*Interlúdio sôbre a Liberdade: Pasternak* ..... 58

*A mentira apresenta seu pai* ..... 60

*Paulo VI, nôvo Pedro* ..... 63

*A coroação no 4.º Domingo depois Pentecostes* ..... 65

*A missão da Igreja na palavra de Paulo VI* ..... 67

*Os milagres e o milagre da Ressurreição* ..... 68

*O auxilio que pedimos a Deus* ..... 70

*Madre Joana dos Anjos* ..... 72

# REVISTA GREGORIANA

(Reg. n.º 864)

(Edição portuguesa da Revue Grégorienne de Solesmes)

Diretores: D. J. Gajard e A. Le Guennant

Sagrada Escritura — Canto Gregoriano — Liturgia — Espiritualidade. Método Ward.

ÓRGÃO DO

INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO

Diretor: D. João Evangelista Enout O. S. B.

Vice-Diretor: Irmã Marie-Rose Porto O. P.

RUA REAL GRANDEZA, 108 — BOTAFOGO — TEL. 26-1822


* — Tudo que se refere à **REDAÇÃO** ou à **ADMINISTRAÇÃO** (assinaturas, mudanças de endereço, reclamações etc...) deve ser endereçado à **Diretoria do INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO**: Rua Real Grandeza, 108 — Botafogo, Rio de Joneiro.

* — ASSINATURA ANUAL, (Janeiro a Janeiro) — Tiragem bimestral — Para o Brasil: Cr$ 500,00 — Para o Estrangeiro: Cr$ 800,00 — Número avulso: Cr$ 100,00 — Via aérea: Cr$ 800,00 para o Brasil — Mudança de endereço: Cr$ 10,00.

— A **REVISTA GREGORIANA** é enviada, por direito, aos Sócios do **INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO**.

* — Os pagamentos são feitos por Vale Postal ou cheque, em nome da Diretoria do **INSTITUTO PIO X** — Rua Real Grandeza, 108 — Botafogo — Rio de Janeiro. (É grande favor endereçar para a **AGÊNCIA do CORREIO de BOTAFOGO**) O cheque bancário pagável no Rio.

* — Inscrevam-se como Sócios do **INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO**; serão sempre avisados sôbre tôdas as suas atividades (aulas de liturgia, conferencias, Missas Cantadas, etc.) e do movimento gregoriano em geral; darão um grande auxílio à irradiação da Obra Gregoriana no Brasil. Esperamos de sua caridade a inscrição como:

Sócio titular — Cr$ 500,00 por ano;
Sócio Protetor — Cr$ 800,00 por ano.
Sócio Fundador — Cr$ 1.000,00 por ano,
Sócio Benfeitor — Cr$ 2.000,00 por ano... ou mais

* — Assim também a Revista "**PERGUNTE E RESPONDEREMOS**". Assinatura: Cr$ 500,00. Via aérea Cr$ 780,00 — Para o Estrangeiro: Cr$ 780,00 — Número avulso: Cr$ 50,00 (atrazado: Cr$ 65,00) — Mesmo endereço acima.

DEO NOSTRO SIT JUCUNDA DECORAQUE LAUDATIO

# O Verbo se fez carne e Habitou entre nós

"Paremos e contemplemos, não apenas de passagem, o fulgor dessa Luz tão grande.

Repetindo as palavras do apóstolo:

É BOM ESTARMOS AQUI

É bom contemplar docemente em silêncio o que muitas palavras não conseguem exprimir".

(S. BERNARDO)

ESCOLA SUPERIOR DE CATEQUESE
MATER ECCLESIAE
(ZONA SUL)
Rua Real Grandeza, 108
Botafogo - GB.
Tel. 226-1822
ZC-02

# 10

Com o presente número duplo, o último de 1963, a REVISTA GREGORIANA completa a publicação de 60 números e o seu décimo aniversário de existência.

Fundada como uma continuação do "Boletim" para ser órgão do INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO, ela vem fazendo fielmente com que suas páginas acompanhem o caminhar do INSTITUTO nas dimensões e com a amplitude de uma verdadeira revista e não apenas de um boletim.

Muita coisa tem acontecido nêsses 10 anos, desde que a REVISTA GREGORIANA, como aliás o próprio INSTITUTO, foi lançada no ambiente brasileiro, ainda pouco acolhedor para com tais empreendimentos, principalmente no facilitar-lhes a perseverança e, ainda mais em se tratando de uma atividade que une as culminâncias da cultura e vida litúrgicas com as da música em sua pureza melódica, rítmica e vocal a serviço da Oração.

A REVISTA e o INSTITUTO têm tido, como é natural, no decurso dêsses 10 anos, suas horas mais difíceis. Tudo, porém, mesmo estas, tudo contribui para que se firme a convicção de que há vida e há motivo e fôrça para viver. Enquanto há vida há crescimento e fecundidade como expressão inequívoca das Bênçãos Divinas. O INSTITUTO vê assim suas ESCOLAS REGIONAIS de Pôrto Alegre, São Paulo, Belo Horizonte que brotaram do centro do Rio de Janeiro, se espalharem e florescerem com seus cursos permanentes, com suas magníficas "semanas gregorianas", com seus quadros próprios de regentes e professôres, lenta e sòlidamente formados, com plena competência na difícil e sublime arte de interpretração gregoriana, sem precisarem sair do País, a serviço da oração cantada nos Seminários, nas Comunidades Religiosas, enfim nas igrejas de nossa Pátria. A REVISTA procura colaborar nessa obra do INSTITUTO que encontramos consagrada no Concílio Vaticano II, quando se exprime em uma de suas emendas aprovadas e promulgadas: "A tradição musical de tôda a Igreja constitui um tesouro de valor inestimável, que é uma expressão de arte excelente entre as demais, principalmente porque o canto sacro, baseado nas palavras, faz parte necessária ou integrante da Liturgia

Solene". E ainda: "São recomendados INSTITUTOS SUPERIORES DE MÚSICA SACRA, que devem ser erigidos oportunamente".

Tem insistido sempre a REVISTA em encarar êsse seu serviço ao Canto Sacro, dentro de um quadro de interêsse marcadamente litúrgico, escriturístico, patrístico, sendo que a própria visão liturgica das questoes habilita a uma penetração em todos os campos da vida crista, sob o amplo título de Pastoral. Por tudo isso, a REVISTA GREGORIANA sendo uma revista de canto, quer e deve ser uma revista que não exclui mas positivamente se interessa por LITURGIA dentro do gigantesco quadro e da estrutural significaçao em que ela deve ser concebida, como ainda ao fechar a 2.ª etapa do Concílio, o afirmou magnificamente Paulo VI:

"Um dos temas, o primeiro que foi examinado, e em certo sentido o primeiro também pela excelência intrínseca e por sua importância para a vida da Igreja, o da Sagrada Liturgia, foi terminado e é hoje promulgado por nós solenemente. Estamos satisfeitos com êste resultado. Rendemos, nisto, homenagem à escala de valôres e deveres: Deus em primeiro lugar; a oração, nossa primeira obrigaçao; a Liturgia, a primeira fonte da vida divina que se nos comunica, a primeira escola de nossa vida espiritual, o primeiro dom que podemos fazer ao povo cristão, que conosco crê e reza. E justo que apreciemos como um tesouro êste fruto de nosso Concílio, como algo que deve animar e caracterizar a vida da Igreja. É, com efeito, a Igreja uma sociedade religiosa, é uma comunidade orante, é um povo florescente de interioridade e espiritualidade promovidas pela fé e pela graça".

Ao completar 10 anos de vida, encontra a REVISTA nesta promulgação da renovação da vida litúrgica a grande meta que sempre foi e será a sua. Rendendo Graças a Deus por 10 anos vividos sob a paternal aprovação de nosso Cardeal Arcebispo Dom Jayme de Barros Câmara, agradecendo a S. Emcia. e a todos os que a ajudaram, incentivaram e com ela colaboraram, sente-se a REVISTA GREGORIANA, contando com tais Patronos e com tais horizontes, lançada para os grandes caminhos da Igreja em nossos dias.

# ANOS

PRIN-
CI-
PIUM
ET
FI-
NIS

# OLHA PARA A ESTRELA
# CHAMA POR MARIA

É a palavra famosa de São Bernardo, numa página que Pio XII qualificou como "talvez a mais bela jamais escrita em louvor à Virgem Mãe de Deus, a mais ardente, a mais apta para excitar em nós o seu amor, a mais útil para fomentar nossa piedade e levar-nos a imitar seus exemplos de virtude" (1).

Nela se termina tôda a longa Homilia que apresentaremos a seguir. Depois de desenvolver uma meditação muito rica sôbre as glórias de Nossa Senhora — sua predestinação especialíssima, sua humildade, sua preparação profética nos múltiplos oráculos e figuras do Antigo Testamento — o Santo Doutor como que transfigura seu discurso ao ter de resumir, enfim, o que significa para nós, peregrinos, exilados, o nome de Maria ... E faz jus mais uma vez ao título de "músico de Maria", "cantor de Maria". A Virgem significa para nós a Estrêla refulgente com a qual o Senhor quis iluminar a nossa noite, conduzir a nossa rota. Ela simboliza todo o ideal e tôda a esperança cristã. Não se aparte seu nome de nosso coração, não se ausente de nossos lábios. Nos perigos e nas angústias, fitemos a Estrêla, chamemos por Maria. Se quisermos chegar ao pôrto, imitemos e invoquemos Maria.

Nessa fervorosa convicção sôbre o lugar insubstituível que deve ocupar a Virgem em nossa espiritualidade, São Bernardo é porta-voz da mais autêntica tradição católica. O enraizamento profundo que suas exortações têm na história da piedade e no dogma cristão, eis o que gostaríamos de recordar sumàriamente aos leitores, nas linhas seguintes.

---

(1) — Encíclica do 8.º centenário da morte de São Bernardo (1953).

Primeiramente, o culto da *imitação de Maria*. São Bernardo propõe a Virgem como norma de santidade, na figura da "Estrêla" e em expressões como esta: "seguindo-a, não erras".

Nada de nôvo ou puramente sentimental no tema. É doutrina antiquíssima na consciência cristã, embora nem sempre tenha tido o desenvolvimento que lhe deu São Bernardo. Quase tão antiga, diríamos, quanto a revelação de que Maria é a "Cheia de graça" (Lc 1, 28).

Já nos primeiros séculos Nossa Senhora era o paradigma de santidade que todos evocavam inseparàvelmente unido ao mistério da Encarnação. Professar que Cristo nasceu "do Espírito Santo e da Virgem" equivalia a dizer que êle "assumiu uma santa carne de uma santa Virgem" ([2]). E como essa profissão se fazia no momento do Batismo, era fácil de ser associada ao sacramento, como se contivesse a própria idéia exemplar do renascimento batismal. Na mesma luz se focalizava então a santidade da Virgem ([3]).

Na verdade, porém, foi principalmente entre os ascetas e as virgens que se desenvolveu a espiritualidade da imitação de Maria. Indício encontramos naquela célebre pintura das Catacumbas de Priscila (século III), que retrata a cena litúrgica de uma imposição de véu e onde Maria é apontada como exemplar à virgem que se consagra.

Pouco mais tarde, dirá Santo Ambrósio às virgens de Milão:

"Imitai Maria, filhas . . . recebei o orvalho espiritual dessa Nuvem . . . Segui a boa Nuvem, que gerou dentro de si a Fonte, pela qual é irrigada tôda a terra" ([4]).

É dêle igualmente a admirável palavra, recordada por São Pio X, na encíclica "Ad diem illum": "Tal foi a vida de Maria que constitui, para todos, modêlo" ([5]).

Depois, não só por sua virgindade, mas pela eminência de tôdas as suas virtudes foi sendo cada vez mais exaltada a função exemplar de Nossa Senhora, nos escritos dos Padres. Êles diziam mesmo que ela era o "tipo", a "figura" da Santa Igreja, apelando não raro para o texto do Apocalipse sôbre

---

(2) — Santo Hipólito, De Antichr., 5: PG 10, 732.

(3) — Cf. nosso artigo "O culto de Nossa Senhora nos quatro primeiros séculos da Igreja". Revista Gregoriana 41/42 (1960), 5-15.

(4) — De inst. virg., c. 14: PL 16, 340.

(5) — "Talis enim fuit Maria, ut ejus unius vita omnium sit disciplina", De virginibus, 1.2, c.2: PL 16, 223.

a "Mulher revestida com o sol", onde divisavam a imagem de Maria com os traços da Igreja.

A partir, porém, da Idade Média é que se desenvolveu a reflexão particularizada — e num plano psicológico — das várias virtudes da Santíssima Virgem atestadas na história evangélica. É pròpriamente quando toma corpo a espiritualidade da "imitação de Maria", paralelamente à "imitação de Cristo".

A base teológica de tôda essa grande doutrina, vivida e amada pela intuição cristã, reside evidentemente na semelhança que existe entre Maria e *Cristo*. Porque *Cristo* é o exemplar absoluto da santidade humana, dado que é "a imagem do Deus invisível" ([6]). Mesmo como homem êle é "o Verbo de Deus" ([7]), a ponto de se poder afirmar que tôdas as suas atitudes e gestos significam, para nós, "formas humanas dos atributos divinos" ([8]).

Ora, Maria foi predestinada, nas raizes mesmas de seu ser, a tornar-se a Mãe de Cristo, isto é, a criatura cujos traços haveriam de modelar, até certo ponto, os traços humanos do Verbo feito carne. Se São Paulo podia dizer-nos: "Sêde meus imitadores como eu o sou de Cristo" ([9]), quanto mais Aquela cuja santidade Deus planejou na mesma idéia com a qual predestinou a Encarnação da Sabedoria? Na fé católica a santidade da Virgem é concebida como um reflexo tão admirável da divina Graça que a Liturgia não hesita em aplicar-lhe o que a Bíblia diz da própria Sabedoria incriada:

"Eu sou a mãe do belo amor, do temor, da ciência e da santa esperança. Em mim está a graça do caminho e da verdade, em mim tôda promessa de vida e virtude. Quem me escuta não será confundido, os que agem por mim não pecarão" ([10]).

Veja-se concretamente, nos Evangelhos, como Cristo é refletido e até antecipado na vida, nos sentimentos, na mentalidade de Maria. Antes do "Servidor de Jahveh", manso e humilde de coração, ela já se diz a "ancilla Domini", cujo programa é simplesmente um "fiat" à vontade de Deus. Vive desde sempre a virgindade, a contemplação, as obras de mi-

---

(6) — Col. 1,15.
(7) — 1 Jo 1,1; Apoc. 19,13; Jo 1,18.
(8) — A expressão é de Sertillanges, cit. em Delhaye. "Jésus Christ raison de croire...", ETL 1951, dg. 8.
(9) — 1 Cor 4,16.
(10) — Eccli 24,23s.

sericórdia ... Preludia no "Magnificat" quantos pontos do Sermão da montanha ! ...

Mas não nos basta imitar, é preciso *invocar* Nossa Senhora: "invocando-a não desesperas", diz São Bernardo em nossa Homilia.

O culto de *invocação* também se perde nos horizontes da história ... É do século III, dizem os especialistas, a prece ardente que até hoje recitamos nos momentos de afliçao, o "Sub tuum praesidium confugimus ... "

Na invocação de Maria, como na dos Santos, nós recorremos à sua *intercessão* junto a Deus, pois é só dÊle, Fonte dos bens, que recebemos, ùltimamente, o que pedimos. Deus, que na execução de Sua Providência, se utiliza das causas segundas, quer conceder-nos muitos bens em resposta aos merecimentos de seus Santos. Ora — perguntaria aqui o Papa Leão XIII, na encíclica "Augustissimae Virginis" — quem dentre os habitantes celestes pode competir com a Mãe de Deus no certame dos merecimentos ?

Nossa invocação baseia-se, pois, na intercessão de que é capaz Nossa Senhora e que é, como ensinam unânimemente os teólogos, *universal,* estendendo-se a tôdas as graças: Maria é a Medianeira de tôdas as graças. São Bernardo já o professava bem claramente:

"Nada quis Deus que recebêssemos senão através das mãos de Maria" ([11]).

E que há de admirar nisto, se Deus quis dar-nos Seu próprio Filho Unigênito como um fruto das entranhas da Virgem ? Se Êle quis chamá-la à graça de associar-se ìntimamente à obra de Seu Filho, isto é, à Redenção, à aquisição de tôdas as graças ? Se Êle quis que o mesmo Redentor lhe atribuisse, naquele momento supremo do Calvário, o título de Mãe dos discípulos, ou por outras palavras, o ofício de continuar zelando, como Mãe, pelo destino dos que ela deu à luz ?

No Céu, Maria continua, portanto, sua missão de Sócia do Cristo Redentor. E assim como Êle permanece lá o nosso Advogado junto do Pai ([12]), sempre vivo para interpelar por

---

(11) — "Nihil nos Deus habere voluit quod per Mariae manus non transiret", In vig. Nativ. Domini, III, 10; cf. também In Natiú. B.M.V., 7: PL 183, 441.

(12) — 1 Jo 2,1.

nós ([13]), o Cabeça do Corpo Místico, que nos comunica sem cessar a fôrça de seu Sangue redentor, Maria permanece também animada com a mesma caridade do Calvário, "Advogada nossa" e "Aqueduto" — como diria São Bernardo — por meio do qual nos chegam os dons da salvação. Na qualidade de Medianeira junto ao Mediador, ela comanda o côro de preces de tôda a Comunhão dos Santos. Tôdas as súplicas se apoiam na sua súplica de Rainha, de sorte que se um dia cessasse a sua ... tôdas as outras cessariam ([14]). Mas Nossa Senhora nunca cessa de suplicar! Ela intercede por sua própria presença, pela presença de seu Coração. Sim, mas e também pelas orações expressas que lhe sugere o conhecimento expresso de cada uma de nossas necessidades e preces, na misteriosa visão de Deus. Ela não cessa de mostrar que é nossa Mãe. "Monstra te esse Matrem!"

(13) — Heb 7,25.
(14) — Cf. Santo Anselmo: "Te tacente, nullus orabit, nullus juvabit. Te orante, omnes orabunt, omnes juvabunt" (Oratio 46: PL 158, 944).

# SÃO BERNARDO

# HOMILIA sôbre o EVANGELHO

# "MISSUS EST"

(Nº. 2) (Lc 1,26-38)

Ninguém duvida, por certo, de que o cântico nôvo que só às virgens será dado cantar no reino de Deus, cantá-lo-à também a Rainha das virgens, com as demais, ou melhor, à frente de tôdas.

Porém, além dêsse cântico que só às virgens compete e que Ela cantará em comum com tôdas, penso que alegrará a cidade de Deus com outro ainda mais doce e harmonioso. Nenhuma das outras será achada digna de cantar ou exprimir as suas modulações dulcíssimas, só a Ela será reservado cantá-lo, pois só essa Virgem possui a glória do parto, e de divino parto.

Dir-se-ia que se gloria desse parto; não em si, mas n'Aquele a quem deu a luz. Em Deus, pois foi a Deus que ela deu à luz.

Havendo de glorificá-la de um modo singular nos Céus, cuidou Êle de orná-la de antemão com uma graça singular na terra, pela qual, de modo inefável conceberia, permanecendo íntegra, e, incorrupta, daria à luz seu filho. A Deus convinha um nascimento assim, em que não nasceria senão da Virgem; e à Virgem um parto como êsse, em que daria à luz o próprio Deus. Eis porque o Criador dos homens, a fim de se fazer homem, estando para nascer do homem, deveria escolher entre tôdas, mais ainda, deveria criar para Si uma Mãe como sabia ser-lhe digna e agradável. Quís, pois, que fôsse uma virgem imaculada, da qual sairia, imaculado, quem expiaria as máculas de todos; quís que também fôsse humilde, pois d'Ela sairia Aquêle que é manso e humilde de coração e que nos mostraria em Si o necessário e salubérrimo exemplo dessas virtudes.

Deu então o parto à Virgem quem já antes lhe inspirara o anhelo da virgindade e lhe mostrara o mérito da humildade.

De outra sorte, como a chamaria o Anjo "cheia de graça" se tivesse Ela qualquer coisa de bom que lhe não viesse da graça?

Aquela, pois, que haveria de conceber e dar à luz o Santo dos santos, recebeu o dom da virgindade para ser santa de corpo, e o da humildade para ser santa de alma.

Adornada a Virgem régia com tais gemas de virtudes, refulgindo pela dupla beleza da alma e do corpo, atraiu o olhar dos cidadãos do Céu, quando se lhes tornou conhecida sua aparência e formosura, de tal modo que inclinou para si o ânimo do Rei e atraiu das alturas o mensageiro celeste. E é isto o que o Evangelista nos sugere quando diz que o anjo foi enviado por Deus à Virgem; "por Deus", diz, "à Virgem"; isto é, pelo Excelso à humilde, pelo Senhor à serva, pelo Criador à criatura. Como é grande a condescendência de Deus! Como é grande a dignidade da Virgem!

Acorrei, ó mães; acorrei, filhas; acorrei tôdas vós que depois de Eva e por causa de Eva viestes à luz com tristeza e na tristeza dais à luz. Ide ao tálamo virginal; entrai, se podeis, no cubículo puro de vossa irmã. Pois eis que Deus envia um mensageiro à Virgem: eis que o Anjo fala a Maria. Colocai o ouvido junto à parede, auscultai o que lhe anuncia êle, como que para tentar perceber algo com que talvez vos consoleis.

Alegra-te, pai Adão, porém ainda mais tu, ó mãe Eva, exulta; vós, ambos, assim como gerastes a todos, a todos fulminastes com a morte e, o que é pior, sois primeiro homicidas e depois pais. Mas consolai-vos, digo, em vossa filha, nessa Filha; principalmente console-se Eva, por quem o mal nasceu primeiro e cujo opróbrio passou a tôdas as mulheres. Pois eis que chega o tempo em que o opróbrio vai ser retirado, e já não poderá queixar-se o homem, da mulher; êle, que querendo imprudentemente excusar-se não hesitou em cruelmente acusá-la dizendo: "A mulher que me deste, deu-me do fruto da árvore e o comí" (Gen 3,12).

Eis porque, ó Eva, corre a Maria; corre, ó mãe, a tua Filha; responda a Filha pela mãe, afaste-lhe assim o opróbrio, satisfaça ao pai em lugar da mãe, pois se foi por causa da mulher que o homem caiu, não será agora senão por ela que se erguerá.

Que é que dizias, Adão? "A mulher que me deste deu-me do fruto da árvore e o comí". Palavras de malícia, com as quais mais aumentavas que apagavas tua culpa. A Sabedoria, entretanto, venceu a malícia, quando Deus buscou no tesouro de Sua inesgotável piedade aquêle ensêjo de perdoar quem tentara em vão obter de ti, ao te interrogar.

É restituida, portanto, uma Mulher pela mulher, uma prudente em vez da tôda, a humilde pela soberba; alguém que te proporcione o sabor da vida e não o fruto da morte, alguém que em troca do venenoso alimento da tristeza gere a doçura do fruto eterno.

Transforma, pois, tua palavra iníqua de acusação em ação de graças e diz: "Senhor, a mulher que me deste deu-me da árvore da vida e

comí; e o fruto tornou-se em minha boca mais doce que o mel, porque Tu me vivificaste."

Eis para que foi enviado o Anjo à Virgem! Ó admirável e sempre dignissima Virgem! Mulher singularmente venerável, admirável entre tôdas, reconciliadora de teus pais, vivificadora de teus pósteros!

"Foi enviado o Anjo à Virgem", diz o evangelho. À Virgem que era virgem na carne e virgem no espírito, virgem por profissão, virgem enfim como descreve o Apóstolo, santa de corpo e de alma; não como que achada ao acaso ou improvisada, mas eleita desde o princípio, pré-conhecida do Altíssimo, e para Êle preparada; resguardada pelos Anjos, pré-significada desde nossos primeiros pais, prometida pelos profetas. Investiga as Escrituras e vê o que estou dizendo.

Queres que aponha aquí alguns testemunhos das Escrituras? Para dizer muito em poucas palavras: que outra mulher (que não Maria) te parece ter Deus predito quando afirmou à serpente: "Porei inimizades entre ti e a mulher"? Se ainda duvidas de que o tenha dito de Maria, ouve o que se segue: "Ela te esmagará a cabeça" (Gen. 3,15). A quem coube tal vitória senão a Maria? Ela — sem dúvida — esmagou a cabeça venenosa, pois aniquilou tôdas as multiformes sugestões do demônio, tanto as dos prazeres da carne como as da soberba da mente.

E que outra mulher procurava Salomão quando dizia: "A mulher forte quem achará?"

Com efeito, o sábio conhecia a fraqueza dêsse sexo, frágil de corpo, inconstante de mente. Dado porém que lêra tê-la Deus prometido, e porque lhe parecia convir ser vencido pela mulher o que por ela vencera, dizia com veemente admiração: "A mulher forte, quem a achará?" O que equivale a dizer: "Já que a salvação nossa e a de todos, a restituição da inocência e a vitória sôbre o inimigo dependem da mão da mulher, é absolutamente necessário que seja produzida uma mulher capaz de tão grande obra. Mas, quem achará a mulher forte?"

E para que não se pensasse que a procurava desesperançado, acrescenta profetizando: "O seu valor excede tudo o que vem de longe e dos últimos confins da terra" (Prov 31,10); isto é, seu preço não é vil, não é pequeno nem medíocre, não é enfim da terra, mas do céu, e não do céu mais próximo da terra, mas é do mais alto dos Céus que Ela desce.

E depois, que prénunciava aquela sarça mosaica, outrora, flamejando mas não se consumindo (Ex 3,2), senão Maria dando à luz sem sentir a dor? Que significava, pergunto, a vara florescente e não orvalhada, de Aarão (Num 17,18), senão Maria concebendo sem conhecer varão? O maior mistério dêsse grande milagre foi explanado por Isaias, ao dizer: "Sairá uma vara da raiz de Jessé, e uma flor brotará de sua raiz" (Is 11,1): entendendo a vara como figura da Virgem e a flor, o filho da Virgem.

Mas se te parece que, entendendo-se na flor o Cristo, haja oposição à sentença mais acima em que Êle era designado não pela flor da haste mas pelo fruto da flor, fica sabendo que, na mesma haste de Aarão (que

floresceu, cobriu-se de folhas e frutificou), Cristo é significado não apenas pela flor ou pelo fruto mas ainda pelas próprias folhagens.

Fica sabendo que foi indicado, em Moisés, não pelo fruto nem pela flor mas pela própria haste; sim, por aquela vara com que, percutindo, dividia a água aos caminhantes ou a fazia jorrar da pedra aos sedentos (Ex 17,16). Não há inconveniente nenhum em que Cristo, sob aspectos diversos, seja figurado por coisas diversas. Se se vê no galho designado o seu poder, na flor será seu perfume, no fruto a doçura de seu sabor e nas folhagens a sua proteção diligente, que o faz não deixar de acolher aos pequeninos que se refugiam à sombra de suas asas para se livrarem do ardor dos desejos carnais ou da face dos ímpios que os afligem. Bôa e desejável a sombra das asas de Jesús, abrigo seguro para os trânsfugas, refrigério agradável para os fatigados. Tem misericórdia de mim, pois em ti confia a minha alma e na sombra de tuas asas esperarei até que passe a iniquidade. (Sl 56,2).

No testemunho acima referido, de Isaias, entenda-se, contudo, a flor como significando o Filho e a vergôntea a Mãe; pois assim como o galho floresceu sem semente, a Virgem concebeu sem concurso de homem. E se a emissão da flor não diminuiu o verdor do galho, também o parto da santa criança não diminuiu o pudor da Virgem.

Vejamos ainda outros testemunhos da Escritura a respeito da Virgem Mãe e de seu Filho.

Que significa aquele vélo de Gedeão, que, cortado, é verdade, da carne, mas posto sem lesão da carne sôbre a eira e que uma vez ficou molhado pelo orvalho, ao passo que na outra vez ficou molhada a eira, que significa senão a carne assumida da carne da Virgem sem detrimento da sua virgindade?

Sôbre aquela carne derramou-se realmente tôda a plenitude da divindade com o orvalho do Céu; de sorte que dessa plenitude nós recebemos, nós que somos sem ela apenas árida terra.

Parece bem convir a êsse fato da história de Gedeão a palavra profética que diz: "Descerá como a chuva sôbre o velo" (Sl 71,6). Pois as palavras que se seguem: "e como as gôtas que se distilam sôbre a terra" parecem dizer o mesmo que a eira encontrada humedecida pelo orvalho. Assim, aquela Chuva que é voluntária, destinada por Deus para a sua herança, primeiramente desceu sôbre o sêio da Virgem num cair silencioso, plácido, sem o estrépido da ação humana; depois, porém, difundiu-se por tôda a terra através da bôca dos pregadores, não mais como chuva sôbre o velo mas como as gôtas que jorram sôbre a terra, com o estrépido de palavras, com o tumulto dos milagres. É que as nuvens que traziam essa chuva se recordavam do preceito recebido no momento de serem enviadas: "O que vos digo nas trevas, dizei-o na luz; e o que ouvís no ouvido pregai-o sôbre os telhados" (Mt 10,27). Realizaram isto e eis então que "por sôbre tôda a terra correu o seu clamor e suas palavras chegaram às extremidades do orbe" (Sl 18,5).

Ouçamos depois a Jeremias, vaticinando coisas novas aos velhos, desejando ardentemente e prénunciando confiantemente que viria Aquele

cuja presença não podia ainda ser mostrada: "Uma coisa nova criou o Senhor sôbre a terra; uma mulher circundará um homem" (Jer 31,22).

Quem é essa mulher? Quem é êsse homem? Se é homem, como circundado por uma mulher? Se pode ser circundado por uma mulher, como é um homem? Para falar mais abertamente, como pode ao mesmo tempo ser homem e estar no ventre da mãe? Pois é isto o que significa um homem ser circundado por uma mulher. Chamamos homens aqueles que, tendo já atravessado a infância, a meninice, a adolescência e a mocidade, atingiram uma idade próxima da velhice. Quem, pois, sendo de tal modo crescido poderá ser circundado por uma mulher?

Se dissesse: Uma mulher circundará uma criança, ou um menino, nada haveria então de admirável ou de inaudito. Já, porém, que não falou assim, mas disse "um homem", devemos indagar qual seja essa novidade que Deus fez na terra, de uma mulher circundar um homem e de um homem se encerrar dentro do delicado corpo de uma mulher? Que prodígio é êsse? "Acaso pode o homem", como diz Nicodemos, "reentrar no ventre de sua mãe e resnacer?" (Jo 3,14).

Mas volto-me para a concepção e o parto da Virgem a vêr se entre as muitas coisas novas e admiráveis que aí encontra quem diligentemente procura, a vêr se encontro talvez também essa novidade de que fála o profeta. Ora, ali o que se encontra é pequeno no comprimento, na largura, na altura. É uma luz que não brilha, uma palavra que não fala, é a água que tem sêde, é o pão que tem fome. O que se encontra é o poder sendo governado, a sabedoria instruida, a fôrça sustentada, Deus enfim como um lactente, Êle que alimenta os Anjos; vagindo, Êle que consola os míseros. É a Alegria que se entristece, a Confiança que desfalece, a Fortaleza que está fraca. Mas também, e o que não é menos admirável, ali encontraríamos essa mesma tristeza alegrando, o temor confortando, o sofrimento salvando, a morte vivificando, a fraqueza fortificando.

A quem já não ocorrerá, pois, o que eu desejava? Acaso não será fácil reconhecer em tudo isto a mulher encerrando um homem, ao ver-se Maria contendo em seu ventre a Jesús, o Homem aprovado por Deus?

Jesús podia ser dito homem não apenas quando dêle se afirmou que era "homem profeta, poderoso em obras e em palavras" (Luc 24,19), mas também quando a Mãe de Deus aquecia em seu colo ou gerava em seu ventre os membros ainda tenros da criança. Já era homem, Jesús, antes de nascer, não pela idade mas pela sabedoria, não pelo vigor do corpo mas pelo da alma, não pela corpulência dos membros mas pela maturidade de Seu juizo. Pois Jesús não foi menos repleto de sabedoria quando concebido, do que quando nascido; quando menino, do que quando adulto.

Quer oculto no ventre materno, quer vagindo no presépio, quer menino interrogando os doutores no templo, quer adulto ensinando às turbas, sempre foi igualmente cheio do Espírito Santo. Não houve momento em sua vida que tivesse menor ou maior aquela plenitude que recebera ao ser concebido no ventre de sua mãe. Desde o princípio foi perfeito,

desde o princípio pleno do espírito de sabedoria e inteligência, do espírito do consêlho e da fortaleza, do espírito e da ciência e da piedade, do espírito do temor do Senhor (Is 11,2-3).

Não te pertube o que les sôbre êle em outro lugar: "Jesus, porém, crescia em sabedoria, idade e graça, diante de Deus e dos homens" (Luc. 2,52). Porque o que se diz aquí da sabedoria e da graça deve-se entender não como realmente eram mas como apareciam, isto é, não se lhe acrescentava nada que já não tivesse, mas parecia, apenas, progredir, e parecia-o quando êle o queria.

Tu, ó homem, quando cresces, nunca o consegues na medida e na época de teu desejo; teu crescimento é regulado e tua vida disposta sem saberes como. Mas Jesús, que dispõe a tua vida, dispõe também a Sua: quando queria e a quem queria aparecia, às vêzes como sábio, às vêzes como muito sábio, às vêzes como o mais sábio dos homens; embora fôsse sempre, em si, o Sábio, por excelência. Assim também, embora sempre cheio de tôda a graça, tanto da que devia ter diante de Deus como da que o devia diante dos homens, mostrava-a, contudo, ora mais ora menos, conforme seu arbítrio, segundo achasse convir aos méritos ou à salvação dos que o viam. É certo, pois, que sempre teve Jesus ânimo viril, conquanto nem sempre tivesse já a aparência de homem adulto. Enfim porque hei de duvidar de que tenha sido homem perfeito no ventre materno se não duvido que já aí tenha sido Deus? É menos ser homem do que Deus.

Vêde, porém, se também Isaias não desvenda com grande lucidês essa novidade a que se refere Jeremias; Isaias, que havia pouco nos falava sôbre as flores novas de Aarão.

"Eis", diz, "que a Virgem conceberá e dará à luz um filho". A Virgem, isto é, a Mulher. Queres também ouvir algo sôbre o homem? Continua o profeta: "E será chamado Emanuel", isto é, Deus conosco (Is 7,14). Portanto a Mulher encerrando um homem é a Virgem concebendo a Deus. Vês quão bela e concordemente os admiráveis feitos e as místicas predições dos santos se harmonizam entre si. Vês que estupendo é êsse único milagre operado com a Virgem e na Virgem, préfigurado por tantos outros prodígios e por tantos oráculos prometido.

Na verdade foi um mesmo o espírito dos profetas, embora sob vários modos, sinais e tempos; foram diversos os que previram e predisseram a mesma coisa, mas num único Espírito.

O que se mostrou a Moisés na sarça e no fogo, a Aarão na vara e na flôr, a Gedeão no velo e no orvalho, foi isso mesmo predito mais claramente por Salomão na mulher forte e em seu valor, mais lucidamente pré cantado por Jeremias no que disse da mulher e do homem, e mais abertamente ainda por Isaias quando falou da Virgem e de Deus. Gabriel, enfim, demonstrou-nos quem era essa Virgem, quando a saudou. É aquela de quem o evangelista diz: "Foi enviado o Anjo Gabriel, por Deus, a uma Virgem, desposada com José."

"A uma Virgem desposada", diz. Por que desposada? Já que era

uma Virgem eleita e, como foi referido, uma Virgem que haveria de conceber e de dar à luz, é de se admirar que fôsse desposada, pois deveria permanecer virgem.

Dirá alguém que êsse desposório foi casual? Não é casual o que pode ter uma causa razoável, útil e necessária, uma causa inteiramente digna da obra do divino consêlho.

Exporei aqui o que me pareceu disto, ou antes o que pareceu aos Padres, antes de mim. A razão do desposório de Maria foi a mesma que a da dúvida de Tomé.

Com efeito, era costume entre os Judeus que as noivas fossem entregues à guarda dos noivos desde o dia de seu desposório até ao tempo das núpcias, para que com tanto mais diligência guardassem sua honestidade quanto eram êles fiéis para consigo mesmos. Assim, pois, como Tomé, duvidando e apalpando, tornou-se um firmíssimo confessor da Ressurreição do Senhor, assim também José, desposando Maria e verificando diligentemente sua vida no tempo da cústódia, tornou-se uma fidelíssimo testemunha da Sua pureza. É bela a concordância dessas duas coisas, a dúvida de Tomé e o desposório de Maria. Em ambas poderia alguém lançar-nos o laço de um êrro semelhante, levando-nos a suspeitar da fé de Tomé e da castidade de Maria; mas muito sábia e piamente o que se dá é o contrário: advém certeza firme de onde mesmo se iria temer a dúvida.

Pois eu, que sou fraco, acreditaria mais depressa na Resurreição do Filho de Deus sabendo que Tomé duvidara e apalpara do que em Cefas que ouvira e crera; e a respeito da continência de sua Mãe acreditaria mais fàcilmente no esposo que a gardou e observou do que na própria Virgem defendendo-se apenas com sua consciência. Dize-me, portanto, quem não a julgaria antes uma meretriz do que uma virgem, vendo-a não desposada e grávida? Ora, não convinha que tal coisa se dissesse da Mãe do Senhor. Seria mais tolerável e honesto que se pensasse durante algum tempo que Cristo nascera de um real matrimônio do que se pensasse que nascera da fornicação.

Mas, dirás, não poderia Deus dar-nos um sinal claro pelo qual nem Sua origem fosse desacreditada nem Sua Mãe incriminada? Podia, sim; mas não ocultaria então aos demônios o que os próprios homens saberiam. Convinha, porém, que o sacramento do divino consêlho permanecesse oculto algum tempo ao príncipe do mundo; não que Deus temesse ser impedido por êle se desejasse realizar abertamente Sua obra; mas porque Êle, que não só poderosamente mas também sàbiamente fêz tudo o que quís, assim como em tôdas as Suas obras costumou observar as congruências das coisas e dos tempos em vista do esplendor da ordem, assim também nessa Sua obra magnífica, a da nossa reparação, não só quís mostrar o Seu Poder mas também a Sua prudência. E embora pudesse realizá-la do modo que bem desejasse, aprouve-lhe, contudo, reconciliar consigo o homem, da mesma maneira e na mesma ordem em que caira êste: afim de que, assim como o demônio primeiro seduziu a

mulher e depois venceu o homem pela mulher, assim fosse primeiro enganado pela Mulher Virgem e depois subjugado abertamente pelo Cristo Homem. Seria assim que o plano arquitetado pela piedade burlaria a fraude da malícia e o poder de Cristo esmagaria a fôrça do maligno, manifestando-se Deus mais prudente e mais forte que o demônio.

Era como convinha que a malícia fosse vencida pela Sabedoria espiritual encarnada, de sorte a não apenas atingir esta tudo de fim a fim, fortemente, mas também suavemente dispondo todas as coisas. (Sap 8,1).

Atingiu de fim a fim, isto é, do Céu ao inferno.

"Se subir aos Céus, diz, o salmista tu estás; se descer aos abismos, estás presente" (Sl 138,8).

Em ambos os lugares agiu fortemente, pois das alturas expulsou o Soberbo e foi nos infernos que despojou o Avaro. Devia também suavemente dispor tudo, no céu e na terra; ora expulsando de lá o inquieto, firmara na paz os restantes; e aqui na terra venceria o invejoso deixando-nos o necessário exemplo de Sua humildade e mansidão. Eis como, na admirável regulação da Sabedoria, Deus surgia suave para os seus e forte para os inimigos.

Que nos aproveitaria se, vencido o demônio por Deus, continuassemos soberbos?

Assim, houve causas muito importantes para que Maria desposasse a José, pois o santo era ocultado aos cães, a virgindade comprovada pelo esposo e tanto o pudor como a fama da Virgem ficavam atendidos. Que mais sábio, que mais digno da Divina Providência? Graças a essa Sua deliberação era admitida uma testemunha aos segredos celestes, o inimigo era excluído e a fama da Virgem se conservava intacta.

De outro modo, como haveria o justo de poupar a adúltera? Pois está escrito: "José, seu marido, como fosse justo e não a quisesse difamar, intentou deixá-la ir secretamente". (Mt 1,19).

Sim, como fosse justo, não a quís difamar; porque tanto não seria de nenhuma forma justo se pactuasse com uma comprovada ré, como se condenasse quem provadamente era inocente. Eis porque, sendo justo e não a querendo difamar, desejou deixá-la ir secretamente. Porque deixá-la partir? sôbre isto aceita uma reflexão que não é minha, mas dos Padres. ...

José quís deixá-la ir pelo mesmo motivo porque Pedro repelira o Senhor, de si, dizendo: "Afasta-te de mim, Senhor, porque sou homem pecador" (Lc 5,8); pelo mesmo motivo por que também o Centurião o impedira de vir a sua casa: "Senhor, não sou digno de que entres sob meu teto" (Mt7,8).

Assim, pois, também José, julgando-se indigno e pecador, dizia dentro de si não dever mais participar do convívio familiar com tal e tão grande pessôa, cuja dignidade, muito superior a sua, contemplava com assombro. Contemplava, e temia, aquela que levava em si mesma um sinal certíssimo da presença divina; e, visto que não podia penetrar o mistério, queria deixá-la partir.

Pedro temeu a grandeza do poder, como o centurião a majestade da presença (do Senhor). Atemorizou-se também, seguramente, José como homem que era, diante da novidade daquele tão grande milagre, da profundeza daquele mistério. Eis porque quís deixá-la ir secretamente.

Admiras que José se julgasse indigno do convívio com a Virgem gestante, se ouves que Santa Isabel não pôde suportar sua presença senão com tremor e reverência? Disse ela: "Donde se me dá que venha a mim aquela que é Mãe do meu Senhor?" (Luc 1, 43). Portanto, também José quís deixá-la partir.

Mas porque às ocultas e não publicamente? Para que não se viesse a inquirir a causa e a razão do divórcio. Pois que haveria de responder o justo ao povo de cerviz dura, ao povo incrédulo e contraditor? Se dissesse o que sentia no íntimo, o que já comprovara sôbre a pureza dela, por acaso não haveriam os incrédulos e cruéis judeus de o ridicularizar e apedrejar? Sim, quando é que creriam na Verdade calada dentro de um ventre os que mais tarde a desprezariam clamando no templo? Que não fariam a aquêle que ainda não aparecia os que mais tarde, no esplendor dso milagres, o lançariam às mãos impias?

Foi, pois, com razão, que o justo, para não ser forçado a mentir ou difamar a inocente, quís deixá-la ir secretamente.

Se contudo julga alguém de outro modo e se empenha em que José, como homem, duvidou e por causa da suspeita, sendo justo e não querendo cohabitar com ela, mas de outro lado, sendo misericordioso e não querendo difamá-la, pensou em deixá-la partir ocultamente, respondo, em breves palavras, que mesmo assim foi necessária a dúvida de José, pois mereceria ser dissolvida pelo oráculo divino. Com efeito, está escrito: "Enquanto, porém, cogitava êle nisto, a saber, em deixá-la partir, apareceu-lhe em sonhos um Anjo que dizia: (José, filho de Daví, não temas receber Maria por tua esposa, porque o que nEla foi concebido é obra do Espírito Santo" (Mt 1,20). Eis por que razões Maria desposou a José ou melhor, como diz o Evangelista, "o homem cujo nome era José". Chama-o homem, não porque fosse marido, mas porque era homem de virtude. Ou antes, já que, segundo outro Evangelista, não é dito apenas homem, mas o seu marido, é com razão que o chama pelo que necessàriamente se julgasse que era.

Devia ser dito seu marido porque era reputado como tal; como aliás mereceu ser dito pai do Salvador sem o ser na verdade, mas porque se julgava sê-lo, consoante o mesmo evangelista: "E Jesús tinha cêrca de 30 anos, sendo, segundo se pensava, filho de José". Portanto, nem o marido da Mãe nem o pai do Filho, apesar de, como se disse, julgado e dito ambas essas coisas durante algum tempo, por acertada e necessária providência.

Conjectura, agora, a partir dessa apelação com a qual, embora a título de dispensação, mereceu ser honrado por Deus, sendo chamado e julgado pai de Deus; a partir do próprio significado do vocábulo, (que não duvidas ser uma hipérbole), conjectura quem, que homem, foi êsse

José. Lembra-te também daquele grande patriarca de outrora, vendido no Egito (Gen 37,27); e vê que êste não apenas teve por sorte o mesmo nome, mas a castidade, a inocência e a graça.

Se, com efeito, aquele José, vendido pela inveja dos irmãos e levado para o Egito, prefigurou a "venda" de Cristo; êste José, fugindo à inveja de Herodes, levou Cristo ao Egito (Mt 2,14). Aquele, guardando fidelidade ao seu senhor não quís unir-se à sua senhora (Gen 39,12); êste, continente, guardou com fidelidade sua senhora a Mãe de seu Senhor, sabendo-a Virgem. Àquele foi concedida a inteligência dos mistérios dos sonhos (Gen 40,41); a êste o conhecimento e a participação dos mistérios celestes (Mt 1,20). Aquele guardou o trigo não para si, mas para todo o povo (Gen 40,41); êste recebeu a guarda do pão vivo que vem do Céu, a guarda para si e para todo o mundo.

Não há dúvida de que José tenha sido um homem bom e fiel: foi o esposo da Mãe do Salvador. Servo fiel e prudente, direi, constituido pelo Senhor como amparo de Sua Mãe, nutrício de Sua carne, e, finalmente, único na terra como coadjutor do grande Consêlho.

Ocorre aquí referir ainda que pertencia à Casa de Daví.

Verdadeiramente, sim, da casa de Daví, verdadeiramente de estirpe régia descende êsse homem José, nobre pela origem e mais ainda pelo espírito. Filho de Daví que não deshonra seu pai. Integralmente filho de Daví, não só pela carne, pas pela fé, pela santidade, pelo devotamento, achado pelo Senhor como outro Daví, segundo o Seu Coração, para confiar-lhe o mais secreto e sagrado arcano de Seu Coração. A êle, como Daví, manifestou o ignoto e o oculto de Sua Sabedoria; deu-lhe o não ignorar aquele mistério que nenhum dos príncipes dêste século conheceu; deu-lhe aquilo que muitos reis e profetas desejaram ver e não viram, desejaram ouvir e não ouviram; e deu-lhe enfim não só ver e ouvir mas ainda carregar, conduzir, abraçar, beijar, nutrir, e guardar.

Não apenas José, senão também Maria, deve-se crer que provinha da casa de Daví. Não seria desposada com um homem da casa de Daví se não fosse também da casa de Daví. Tinham, pois, ambos, essa origem; mas só nela se cumprin a verdade que o Senhor jurara a Daví, ficando José apenas como sabedor e testemunha do cumprimento da promessa.

No fim do versículo diz-se: "E o nome da Virgem era Maria".

Digamos algo sôbre êsse Nome, que se diz significar ESTRÊLA DO MAR e que se ajusta muito convenientemente à Virgem Mãe. Ela, na verdade, pode muito bem ser comparada à estrela: como a estrêla emite seus raios sem corrupção de si, também Ela, sem lesão de si, deu à luz o Filho. E como o raio não reduz o brilho do astro, também o Filho não diminuiu a integridade da Virgem. É ela pois aquela estrêla nobre oriunda de Jacó, cuja luz ilumina o orbe inteiro, cujo esplendor refulge nas alturas e penetra os abismos; percorrendo a terra e antes aquecendo os espíritos que os corpos, fomenta as virtudes, consome os vícios.

Ela é, direi, a estrêla preclara e excelente, alçada necessàriamente sôbre êste mar grande e espaçoso, brilhando por seus méritos, iluminando com seus exemplos.

Ó! Quem quer que te encontres na voragem dêste século, mais a te afogares entre ondas e tempestades do que a caminhares sôbre terra firme, não afastes os olhos do fulgor dêsse Astro, se não queres submegir às procelas.

Se se levantam os ventos das tentações, se investes sôbre os escolhos das tribulações, olha para a Estrêla, chama por Maria.

Se estás agitado pelas ondas da soberba, ou da ambição, ou da detração, ou da inveja, olha para a Estrêla, chama por Maria.

Se a ira, a avareza ou os prazeres da carne sacudiam a nau da tua alma, olha para Maria.

Se talvez, conturbado pela enormidade de teus crimes, confuso pela fealdade de tua consciência, apavorado ante a idéia do Juízo, começares a ser tragado pelo báratro da tristeza e pelo abismo do desespêro, pensa em MARIA. Nos perigos, nas angústias, nos momentos de dúvida, pensa em Maria, clama POR MARIA. Não te saia ela da bôca, não se aparte de teu coração; para conseguires a sua intercessão, não largues o exemplo de sua vida.

Seguindo-a não te desvias, invocando-a não desesperas, nela pensando não erras. Se ela te segurar tu não cairás, se te proteger nada tens que temer, se te guiar não te fatigarás, se te fôr propícia alcançarás o fim; e então experimentarás em ti mesmo com que razão foi dito: "E o nome da Virgem era Maria".

Mas devemos parar um pouco por aquí, para não contemplarmos apenas de passagem o fulgor dessa luz tão grande. Empregando as palavras do Apóstolo; "Bom é estarmos aqui" (Mt 17,4) - é, bom contemplar docemente em silêncio o que um discurso laborioso não consegue exprimir. Nesse entre-tempo, graças à contemplação devota da luminosa Estrêla, tornar-se-á mais fervente a exposição do que se segue.

**Há 10 anos**

**a REVISTA GREGORIANA**

**é feita pela**

**Emprêsa EDITÔRA CARIOCA Ltda.**

**Rua Dona Isabel, 126 - Bonsucesso - GB**

# PAULO VI e A LITURGIA

*Paulo VI, ao assumir a cátedra de Pedro, para o govêrno dos fiéis, para encaminhar os homens para Deus, lança-se à realização do grande programa que lhe deixara em testamento o grande João XXIII. A renovação e a estruturação na continuidade de uma tradição que remonta ao próprio Cristo eis o grande plano que se estende sôbre tôda a humanidade como uma imensa bandeira de salvação, de esperança e de segurança. Paulo VI continua a grande linha de aproximação quanto aos povos que destinos históricos e ideológicos afastaram quase que definitivamente de sua primordial vocação cristã, ao afastá-los dos sucessores daquele que, com ou sem méritos, com ou sem defeitos, recebeu as chaves do reino dos céus. Paulo VI tenta aproximação com os meios religiosos russos. Na linha de renovação interna, não hesitou o Pontífice em reabrir o célebre e já famoso Concílio Ecumênico, Vaticano II, apontado por muitos como o grande acontecimento do século, numa revoada de esperança nas fôrças do Espírito, diante de um mundo descrente e angustiado, na mesma medida em que se satura das ilusões da matéria e aposta tôda a sua felicidade nos fugazes encantos de um naturalismo que satura, que esteriliza, que cansa, que divide e desarmoniza, porque se confunde com os interêsses que se chocam uns com os outros e se destróem.*

*O Concílio Ecumênico reaberto nos leva a pensar no tema Liturgia, até agora amplamente trabalhado por êle. Vem-nos então à lembrança a Pastoral da Quaresma de 1958 que como Arcebispo de Milão e ainda não Cardeal, Giovanni Battista Montini lançou aos seus Diocesanos sôbre a Educação Litúrgica. É de grande interêsse recordarmos alguns dos trechos mais significativos dêsse importante documento e salta à vista como suas idéias prepararam de perto alguns dos grandes passos iniciados pelo Concílio. Convém recordar que a Pastoral respeita fundamentalmente a situação vigente então de absoluta rigidez quanto ao uso do latim na liturgia, e nem por isso deixa de sugerir meios eficazes para uma*

*aproximação dos fiéis à participação litúrgica, para aumentar-lhes a compreensão da ação sagrada, mostrando-se outrossim que a língua latina está longe de ser o único ou o grande impecilho a esta compreensão. Hoje sabemos que o Concílio, mantendo o latim como língua oficial da liturgia latina, abrirá amplas as portas às linguas vulgares para que a liturgia possa doutrinar o povo em sua própria língua, na qual êste também se dirigirá a Deus em oração mais consciente.*

*A pastoral do Arcebispo Montini nos fala em primeiro lugar da grande graça que Deus concedeu aos homens: a de poderem êles se dirigir ao Deus Criador como a um Pai, através da oração. Eis alguns textos da Pastoral da Quaresma de 1958:*

### *A Primeira Resposta à Revelação: A Oração*

Entre tantas conseqüências possíveis, voltaremos nossa atenção, nesta carta pastoral, a uma só, como sendo, a nosso ver, a *resposta* primeira e a mais óbvia à felicíssima Revelação que Deus se dignou fazer de si mesmo, pondo em nossos lábios, pelo ensinamento de nosso Senhor Jesus Cristo, o simplicíssimo e inefável nome de Pai; eis o que é a oração.

É preciso que nossas relações com Deus se tornem capazes de colóquio, tal como convém a filhos, com uma tal plenitude de espírito e de verdade (cf. João 4, 26), aquela precisamente que o Pai espera de nós.

É preciso que nossa religião se encha de uma expressão adequada à sua realidade; é preciso que nossa vida espiritual se enriqueça de nova interioridade, de nova familiaridade com Deus; que nosso senso religioso, despertado pelo chamado das verdades da ordem sobrenatural, reencontre sua linguagem, extremamente límpida e sincera, forte e autêntica, cheia de verdade e de poesia, para se pôr em comunicação com o Deus presente.

### *A Oração Litúrgica*

Sôbre êste tema — a oração cristã — vasto como o mar, não temos a intenção de percorrer-lhe os numerosos e diferentes caminhos; mas só nos deteremos em um dêles, porque nos parece em si o principal e para nós o mais útil: o que trata da oração do povo cristão, considerado como uma co-

munidade viva, e remida para oferecer ao Senhor o tributo de um culto público, queremos dizer a oração litúrgica.

Ela é como a artéria central, à qual conduzem os outros regatos da oração privada e popular e donde derivam outros para a vida espiritual pessoal; e é aquela que todos — pastores e fiéis — não *obrigados* a seguir, não para cumprir um simples dever de observância exterior, mas para extrair o alimento interior, indispensável; e é a que deve ser a corrente principal da vida religiosa católica, na secularização crescente da sociedade moderna; é ela que deve dar à Igreja uma consciência de si mesma mais profunda e mais original, torná-la capaz de, com mais facilidade e prazer, atrair as almas ao encontro e à regeneração da união com Deus.

*Um Problema Central para a Vida Pastoral de Hoje*

Sabe-se que a Liturgia se situa, hoje, como o problema central da vida pastoral e não faltam documentos do Magistério eclesiástico e da literatura católica que ilustram amplamente êste ponto; de tal forma que, para nós, basta agora fazer alusão a um só aspecto, o da prática, que trata do progresso que devemos fazer para compreender a santa Liturgia, celebrá-la, divulgá-la e reunir ao seu redor, como em volta de seu eixo, a vida cristã.

*Motivos que Exigem um Renascimento Litúrgico*

Inegàvelmente, nossa vida religiosa necessita de uma renovação, de um melhoramento.

*A decadência espiritual de nosso tempo o exige.*
*O desenvolvimento cultural de nosso povo o exige.*
*A vitalidade interior da santa Igreja o exige.*
*A palavra do magistério eclesiástico o exige.*
*O mandamento eterno do Cristo: "Fazei isto em minha memória, o exige.*

*O Renascimento Litúrgico não é uma iniciativa facultativa.*

Devemos, neste ponto, observar como está totalmente ultrapassada a mentalidade que considera o renascimento litúrgico como algo facultativo, como uma destas numerosas e conhecidas devoções às quais adere quem quer; ou que pen-

sa que o movimento litúrgico é uma tentativa de reformadores inquietos, de ortodoxia duvidosa; ou um ritualismo puramente rubricista, cristalizado e exterior, ou ainda, um preciosismo arqueológico, formalista e esteticista, ou ainda, um produto claustral inadaptado às pessoas de nosso século, ou ainda, uma oposição sistemática à piedade pessoal e às devoções populares.

*A Liturgia é Meio e Forma do Renascimento Religioso segundo o Espírito da Igreja.*

O ensinamento da Igreja, ao contrário, coloca o renascimento litúrgico na sua justa linha doutrinal, promove-a e a preconiza como um revigoramento do exercício autêntico do sacerdócio do Cristo na Igreja, como uma ação necessária, interior e exterior, de autêntica espiritualidade cristã, como o culto que possui "a máxima eficácia de santificação" e "uma dignidade superior à das orações privadas".

*Devemos, por conseqüência, acolher o renascimento litúrgico como o meio e a forma do renascimento religioso segundo o espírito e as leis de nossa mãe, a Igreja.*

*Obstáculo da Língua Latina e do Simbolismo dos Ritos.*

O obstáculo não é sòmente a língua latina, que a Igreja por graves motivos, deseja conservar, embora não tenha sòmente concordado mas recomendado aos fiéis o emprêgo do Missal traduzido em língua vernácula, e que tenha dado regras para o emprêgo das traduções das perícopes escriturísticas durante a Missa.

Recomendamos, pois, onde é possível, o emprêgo do Missal, ao menos dominical, ou de folhetos que contenham os textos e as explicações relativas a cada uma das Missas Dominicais, e ficaremos felizes de ver cada fiel munido de um livro de orações que o ajude a rezar com a Igreja.

O obstáculo surge principalmente pela maneira como a liturgia exprime a oração da Igreja e os mistérios divinos.

A variedade de suas formas, o desenrolar dramático de seus ritos, o estilo hierático de sua linguagem, o emprêgo continuado do sinal e do símbolo, a profundeza teológica das palavras e dos mistérios celebrados, tudo parece conspirar para fazer difícil a compreensão da Liturgia, especialmente

ao homem moderno, habituado a reduzir tudo o que o concerne a uma extrema intelegibilidade e a crer que possui uma verdade desde que a possa representar por uma imagem sensível, uma figura geométrica ou um esquema intuitivo.

*Necessidade do Estudo e da Explicação dos Ritos Sagrados.*

Mas é também para vencer êste obstáculo que estamos a falar da educação litúrgica.

Estamos persuadidos de duas necessidades a respeito disso: 1.º — *a de dar aos fiéis a possibilidade de compreender a oração da Igreja, sob pena de vermos que se afastam dela, como que excluídos de seu interior recinto espiritual, e como que ofendidos no hábito, ora já enraizado pelo progresso da cultura, de tudo compreender e tudo saber sôbre tôdas as coisas que os cercam e os interessam;*

*e 2.º — a de transformar a dificuldade apresentada pelo rito litúrgico, em ajuda para penetrar o sentido oculto, porém maravilhoso, inexaurível e vivo, contido no culto católico.*

Obtém-se êste resultado precisamente assegurando-se a participação dos fiéis no culto: os fiéis tornam-se os promotores do culto quando dêle participam juntos.

Diremos, sumàriamente, que é preciso estudar a Liturgia: tanto os leigos como os clérigos.

E êste estudo não se deve limitar às expressões rituais da Liturgia, conhecimento êste que também é tão importante para a execução das cerimônias religiosas.

Mas deve especialmente deter-se no conteúdo doutrinal e místico da liturgia e deve sublinhar os aspectos pastorais e os poderes santificadores da mesma.

E tanto melhor se estender-se também à pesquisa de suas riquezas históricas, literárias e documentárias.

Dizemos que é necessário *explicar* aos fiéis os ritos da liturgia, abrir o sentido desta linguagem mística, mostrar que virtudes didáticas e espirituais contém, e como a vida humana pode encontrar aí suas mais altas expressões santificadoras.

Sob o título

# Sentido comunitário da SAGRADA LITURGIA

S. Emcia. o Sr. Cardeal LERCARO, arcebispo de Bolonha,

*pronunciou uma bela conferência no Mosteiro beneditino de S. Jorge em Veneza por ocasião dos cursos que no verão passado ali se realizaram sôbre Liturgia e Canto Gregoriano. Passando o mesmo mosteiro a publicar uma preciosa revista de Música Sacra e Liturgia cujo primeiro número cheio de interessantes artigos há pouco foi lançado ao público, tivemos ocasião de tomar conhecimento da íntegra do texto da referida conferência, primeiro artigo da nossa revista que tem o sugestivo título: "Iucunda Laudatio".*

*Eis as palavras do Sr. Cardeal Lercaro:*

"Seja-me concedido antecipar três observações preliminares cujo fim é esclarecer o sentido e determinar as condições de uma eficaz interferência entre a Sagrada Liturgia e a atitude espiritual do Católico diante da Comunidade e sob as solicitações da vida social.

1 — A primeira observação é a seguinte: quando se fala em Sagrada Liturgia deve entender-se sobretudo o espírito. Certamente o espírito da Liturgia determina as formas externas e através dessas se manifesta; mas limitar-se sòmente às formas seria reduzir a Liturgia a um rubricismo árido e formalístico, que acabaria não apenas por não exercer eficácia alguma sôbre a vida espiritual — e no campo de nosso tema, sôbre as posições internas nos confrontos com a comunidade — mas por tornar estéril a própria vida religiosa, empobrecendo-a, deformando-a.

Se, portanto, as formas devem ser observadas com sincera e consciente adesão, devem contudo ser principalmente estudadas e meditadas no espírito que as anima e vivifica: "spiritus est qui vivificat, caro autem non prodest quidquam".

Uma útil compreensão das formas litúrgicas pode ser obtida apenas com o estudo da história litúrgica; história que é todavia não mais que um meio — aliás necessário — para o conhecimento e para despertar o gôsto pelo espírito da Sagrada Liturgia.

Valorizamos, pois, tanto a rubricística como a história litúrgica como instrumento necessário para uma vida litúrgica plena; mas apenas como "instrumentos" que condicionam e facilitam a aproximação da alma ao espírito da Sagrada Liturgia e a participação ativa na ação litúrgica.

2 — A segunda observação é precisamente a seguinte: falamos aqui de uma eficácia da Liturgia em formar eficazmente (sic) para a vida social, na medida em que na Liturgia há participação ativa da Comunidade dos fiéis. Direi também que a fôrça sobrenatural da Sagrada Liturgia é tal que jamais lhe falta uma profunda ação formadora exercida sôbre o povo de Deus.

Mas, é certo que a riqueza dessa contribuição será — sob o ponto de vista natural por razões psicológicas e, sob o ponto de vista sobrenatural, pela maior adesão a Cristo operante em sua Igreja — será tanto maior quanto mais consciente e mais estreita fôr a participação ativa dos fiéis. Por essa razão, naquele documento sempre memorável que pode bem ser

reconhecido como a primeira consagração autorizada do hodierno renascimento litúrgico, — O "Motu Proprio" de S. Pio X sôbre a música sacra, datada de 22 de novembro de 1903 — está expresso que "a participação ativa (em latim: "actuosa") nos Sagrados Mistérios e no louvor perene da Igreja é a primeira e indispensável fonte na qual podem os fiéis atingir o verdadeiro espírito cristão."

3 — o espírito cristão: esta palavra de S. Pio X me conduz à terceira observação preliminar. A Sagrada Liturgia, ainda que compreendida e participada, não determinará normas exteriores de ação, nem formas concretas de vida social; mas criará o espírito, irá inspirar as posições internas que permitirão, em seguida, a cada um, seu inserimento franco, fraterno e operante na comunidade; e, na própria comunidade, determinarão o clima e a orientação mais favoráveis ao estabelecimento de uma ordem social contruída sôbre a justiça e embebida de caridade." (1)

---

(1) *Pelo que acabamos de ler nessas linhas preliminares, já podemos ter a impressão que seu autor o Sr. Cardeal Arcebispo de Bolonha quer enfrentar o seu tema: sentido comunitário da Liturgia com a máxima extensão e fôrça que as palavras admitem, levando êste sentido comunitário da oração oficial e pública a ser o grande inspirador das atitudes fundamentais relativas a uma vida e a uma ordem sociais.*

*Bem sabemos como os movimentos sob o título, sincera ou falsamente assumido, de movimento de justiça social, de participação de todos os homens nos grandes bens econômicos, sociais culturais de uma civilização têm a capacidade de arrebatar, de congregar massas, de aliciar vocações, especialmente entre os jovens. A palavra do Cardeal Lercaro, Arcebispo que vive intensamente o seu "munus" pastoral em tôda a sua profundidade espiritual e, como conseqüência disso, em tôda a sua extensão temporal e social, conseqüência inseparável da realidade única da vida dos fiéis, a palavra do Cardeal Lercaro é autorizada para colocar o imenso problema da ordem social cristã em seus devidos têrmos, mostrando como essa ordem terá que estar enraizada necessàriamente nas grandes virtudes cristãs que não sobrenaturais, que nos são distribuidas, com a Graça de Cristo, através dos Sagrado Mistérios por Êle, para êsse fim, instituídos. Assim, resumindo: qualquer norma exterior de*

Supostas estas observações, forçoso é notar como a capacidade formadora da Liturgia, no sentido de um autêntico espírito de sociabilidade, lhe é conatural e resulta de seu próprio sêr.

Que é. na verdade. a Liturgia? Repetidas vêzes a Encíclica "Mediator Dei", magna carta da renovação liaúrgica moderna, define-a como o culto do Cristo total ao Pai; "da Cabeça". acrescenta, "e dos membros" — "Capitis nempe et memborum".

A sacra Liturgia é, pois, a ação saderdotal do Cristo pela qual Êle, Filho de Deus feito nosso Irmão e inserte neste universo criado, glorifica a infinita Majestade de Deus, adora, rende graças, expia, implora... mas juntamente com seus membros místicos: os fiéis que pelo batismo foram nEle insertos e feitos partícipes de Sua vida; com sua Igreja, por isto que constitue, na variedade dos órgãos e das funções, Seu Corpo Místico, no qual Êle vive, fonte de vitalidade sobrenatural para os homens, fala e opera: cancela o pecado, santifica as almas, ilumina-as e as conduz à vida eterna.

A Liturgia é, portanto, ação eminentemente comunitária, em que tôda a Igreja se reune: em sua grandeza, para a qual são demasiado limitados os confins do mundo visível, por estender-se ao céu mesmo por lá ter sua morada perma-

---

*ação encontrará necessàriamente, não sua formulação concreta, mas, muito mais que isso, seu* espírito, *a fôrça e o segrêdo de sua eficácia, na liturgia, que forja sobrenaturalmente as inteligências e os corações. A vida social cristã tem que ser uma expressão transbordante das virtudes cristãs e do espírito cristão que nos é infundido pela Liturgia. Essa infusão, tanto mais fecunda e abundante será, quanto mais a Liturgia fôr, segundo sua índole própria,* participada, *num ambiente* comunitário *e de unidade num corpo único, animado pela vida divina.*

*De onde se segue que, Liturgia aqui é participação comunitária num* espírito *que transborda, das formas exteriores e das rubricas, sem se deixar absorver por elas e sem permitir que elas absorvam a mente dos fiéis. Um espírito de vida social cristã vem pois de um espírito cristão que precipuamente se encontra na liturgia participada e vivificada pelo Espírito. Pensamos assim ter explicado as palavras, já por si claras, do Eminentíssimo Cardeal Lercaro.*

nente, bem como por acolher também os mortos que adormeceram santamente no Senhor; e em sua perenidade, pela qual, como o Cristo, sua Cabeça e sua vida, ela é ontem, hoje e por todos os séculos, sempre a mesma.

Unida a Cristo, a imensa comunidade da Igreja, nEle, com Êle e por Êle, glorifica o Pai; unida a Cristo, dÊle e por Êle recebe os dons, o perdão, a graça do Pai.

Ação e oração comunitária sempre, a Liturgia; ainda que alguns atos, como o Sacramento da Penitência na confissão auricular, pareçam apresentar notas de individualismo; ou que as circunstância reduzam ou suprimam a participação e até a simples presença de uma comunidade minúscula que seja, como quando o sacerdote recita solitário, na intimidade de uma cela, o seu breviário; ainda então, misteriosamente, a Igreja — ecclesia, assembléia — está presente. O sacerdote que absolve age com a autoridade que ela lhe conferiu, e invocará suas orações e merecimentos para completar a expiação do penitente: "precibus et meritis..."; ainda então a Igreja está presente. Demais, o gesto e a palavra do sacerdote na intimidade do confessionário constituem o sinal eficaz pelo qual o filho pródigo, revestido da estola primeira, é readmitido na família e, assim, sentar-se-á à mesa comum; o pecador readquire a plenitude dos títulos para fazer parte do povo santo — plebs tua sancta — que oferece o sacrifício. Isto é o que aparecia com evidência no Rito Solene da Reconciliação dos Penitentes na Quinta-feira Santa, rito ainda conservado no Pontificial Romano.

Do igual modo, tôda a Igreja, no Breviário, pela bôca de seu ministro, que ela própria designou para êsse ofício, canta o louvor de Deus e diante de Seu trono apresenta as súplicas e as necessidades dos homens: na intimidade da cela, como no confessionário, está presente a Igreja, Corpo Místico de Cristo, pois que Cristo, sua Cabeça, está presente; "in omne actione liturgica", adverte a "Mediator Dei", "praesens adest Christus".

Uma ação de tal modo eminente e constantemente comunitária não pode deixar de ser educativa e formadora do espírito de sociabilidade.

✣

✣ ✣

Da natureza da S. Liturgia seguem-se òbviamente suas manifestações e formas; do que resulta estar ela sempre a contemplar e a exprimir a sociedade sobrenatural.

Por isto a linguagem da liturgia é sempre no plural, com exceção daqueles momentos em que, com evidente compreensão da realidade humana, concede ao sacerdote ou ao fiel exprimir a própria individualidade, permanecendo, porém, sem cessar, em estreita comunhão com os irmãos.

Pois, embora por natureza seja o homem um ser social, nem possa ser concebido fora da sociedade; embora, da mesma forma, no plano sobrenatural opere Deus sua salvação no âmbito de uma sociedade, a Igreja; tem êle contudo, e por natureza, uma personalidade indivídua que a sociedade não deve nem pode sufocar, e conserva na Graça uma insuprimível esfera íntima de relações com o Senhor; assim a história maravilhosa da ascese cristã sempre reconheceu e justificou como necessárias, tanto as funções da piedade individual, com a riqueza de suas manifestações, quanto as da oração pública, e, embora afirmando a superioridade desta última, jamais subestimou aquela ... Ao contrário, como observávamos, mesmo no âmbito de uma oração pública e comunitária, não só exige, como é razoável, a adesão interior pessoal, mas consente também a expressão individual: "Suscipe ... hanc immaculatam Hostiam quam ego indignus famulus tuus offero tibi ...; Domine, non sum dignus ...; Mea culpa ..."

Mas, à exceção dêste parêntese — diria humanamente espontâneo — a Liturgia sente sem cessar a presença e as instâncias da imensa Comunidade que é a Igreja e da pequena Comunidade que em ato, naquele momento, exprime e como que resume a Igreja.

Os nomes com que uma e outra vêm designadas são singularmente expressivos: "familia tua (Dei); cuncta familia tua; populus tuus; plebs tua sancta; ecclesia tua ..."

O fiel que toma conhecimento desta linguagem e entra em contacto com ela, já sente que deve superar os limites acanhados de um individualismo fàcilmente tentado pelo egoísmo; e é levado a abrir seu espírito e seu coração a esta ampla sociedade, unido à qual encontra-se, em sua oração, com o olhar paterno de Deus.

✣
✣ ✣

A Sacra Liturgia não ignora que esta "família do Senhor", êste "povo de Deus", esta "Igreja", de que ela é a expressão,

tem uma ordem que lhe deu seu próprio Fundador e Cabeça; sabe a Liturgia que, como num corpo diversos são os órgãos e diversas as funções,, concorrendo, porém, todos, para o bem de todo o organismo, vinculados em profunda unidade de vida, assim também no Corpo Místico de Cristo, de que ela é a expressão, diversos são os dons do Espírito e diversas as funções; mas todos os membros congrega-os a Caridade, o "vínculo perfeito", em maravilhosa união.

Ela exprime, na distinção das vestes litúrgicas, na diferenciação das funções, no reconhecimento devoto da autoridade com sinais externos de veneração (inclinações, genuflexões, ósculo ...) a constituição hierárquica dessa Comunidade que, entretanto, sabe ser tôda de homens fracos e frágeis, que porisso repetem: "Confiteor, mea culpa; nobis quoque peccatoribus ..."

Mas sôbre a base desta comum insuficiência e da comum dependência natural de Deus — nos servi tui — exprime e invoca constantemente o vínculo da caridade que, na fé comum, torna plena a unidade da família de Deus: "Spiritum nobis, Domine, tuae charitatis infunde ..." E tudo o que pode exprimir melhor esta unidade do Corpo Místico, observa autoritativamente o Santo Padre na "Mediator Dei", tem razão de ser observado e cumprido.

Por isto encontramos na Liturgia a saudação recíproca entre o celebrante, ou o diácono, e a assembléia: "Pax vobis; Dominus vobiscum ..."; recíproca, disse; o que importa o diálogo e, portanto, a participação ativa; e, com as saudações e convites — "Oremus; flectamus genua; sursum corda; gratias agamus ..." — e a constante oração por todos — pro omnibus circunstantibus sed et pro omnibus fidelibus christianis vivis atque defunctis; pelas angústias e necessidades do mundo e de cada um, sobretudo nas litanias e orações — a recordação quase familiar dos vivos e dos mortos, da mesma forma que a dos Santos; por aquêles fraternalmente se roga; dêstes invoca-se a oração e a proteção fraterna.

Bastaria correr os textos do Missal e do Breviário (limitando-nos a êstes livros litúrgicos) para ter-se uma verdadeira floração — por vêzes delicadamente perfumada na beleza das expressões — dêste sempre lembrado vínculo de união na fraterna caridade dos filhos de Deus.

Jamais a presença, os rogos, as angústias, os sofrimentos, as necessidades dos outros são ignorados; jamais a oração se dobra egoìsticamente sôbre o indivíduo, limitando-

-lhe a visão às suas estritas necessidades, freqüentes vêzes apenas materiais: o que, em verdade, constitue não rara e prejudicial tentação para a oração individual, quando não se mantém em contacto com o espírito da oração litúrgica e dêle não se nutre.

Esta é, portanto, sempre coral; ainda quando o côro não está presente ... Mas a qualidade de ser coral é inata à Liturgia como o é à vida: à vida natural e à sobrenatutral!

✣
✣ ✣

Assim o "canto" não é um a mais, um embelezamento periférico e acidental da Liturgia: a palavra, na verdade, é, por excelência, o meio de relações entre os homens, e porisso, justamente, é o canto expressão conatural à Liturgia.

Antes de tudo, como palavra coletiva da assembléia, que difìcilmente se exprimiria com beleza sem dar ao próprio discurso um rítmo. A multidão tem dois modos de exprimir pela voz seus sentimentos: o grito e a palavra ritmada. O grito convém à praça, não à assembléia santa dos filhos de Deus; a esta, para exprimir com beleza o pensamento e o sentimento de todos, a palavra ritmada, o canto, pois, que na Liturgia é, porisso, simplicíssimo, mas eficaz ao máximo para traduzir de modo sensível a unidade dos sentimentos religiosos da assembléia.

Para traduzir e nutrir aquela unidade! Porque o canto irmana. Estais num ônibus, premidos a ponto de não poderdes mover-vos; embora, porém, vizinhos uns dos outros, nenhum dos passageiros canta: um é indiferente ao outro, um é desconhecido para o outro; suas dores, suas alegrías, suas aspirações, suas angústias não me tocam, mesmo que seu cotovêlo comprima o meu braço; minhas dores e minhas angústias não o tocam ... vizinhos demais, a ponto de impedirmo-nos um ao outro todo movimento, estamos espiritualmente longe, ausentes um do outro: e não cantamos!

Mas imaginai que numa viagem, num cômodo carro de turismo, encontre-se um grupo de amigos que tenham as mesmas idéias, gozem em comum as horas de evasão, visem à mesma meta ... então o canto brota espontâneo, expressão natural de fraternidade, alimento precioso para a união dos espíritos, a fusão dos corações ...

Porisso canta-se na Igreja: a caminho da eternidade, na mesma nau, com o mesmo objetivo e a alegria comum de nos sabermos filhos de Deus, cantemos! A fusão harmoniosa das vozes é sinal, penhor e encorajamento da união dos espíritos, e assim — conforme a exortação de São Paulo (Rom. 15, 5-6) — "com um só coração e com uma só voz glorifiquemos Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo"!

Sinal e penhor de união, o canto sacro, com real e profunda diferença de todo outro canto, porque neste há apenas um efeito psicológico não desprezível — nem desestimado ou ignorado pela Liturgia — mas natural; no canto litúrgico há, antes, aquela presença de Cristo que acompanha tôda ação litúrgica, conferindo-lhe tal potência que o torna expressão e alimento de caridade. A antiguidade exprimia esta santidade do canto litúrgico no aforisma: "qui bene cantat bis orat!" E a Igreja, a partir de São Paulo, infinitas vêzes sublinhou a importância e a eficácia do canto litúrgico, convidando os fiéis a não permanecerem mudos na santa assembléia, mas a fazer ouvir sua voz "como o fragor de grandes águas", no dizer da Escritura.

Na recente encíclica "Musicae Sacrae Disciplina", o S. Padre Pio XII não hesitou em declarar o ofício dos cantôres, dos executantes, dos compositores de música sacra, uma função de apostolado.

Isto porque, mais de perto que outros elementos, o canto manifesta e faz a unidade espiritual da assembléia; bem entendido, quando seja sacro e não permaneça apenas a execução, perfeita que seja, de uma "escola", mas haja nele a participação do povo, como se vê da tradição litúrgica, que conheceu, desde o início, o canto antifônico e responsorial, no qual, com a "escola" que executa o Salmo ou outro texto, alterna, a cada versículo, o povo todo com um refrão. Excetua-se o caso daqueles cantos que, por sua natureza ou pelo momento em que se situam, manifestam antes uma pausa de meditação entre uma leitura e outra, como o Gradual, ou visam dar ao louvor do Senhor um caráter especial de discreta mas estudada beleza.

Assim, também o canto litúrgico cumpre o conselho do Apóstolo (Col. III, 14-16), porque a caridade, vínculo perfeito, e a paz jubilosa, fruto da palavra de Cristo acolhida no coração, estende-se ao canto: "Tende a caridade, que é o vínculo de perfeição; a paz de Cristo, a que fostes chamados em um só corpo, exulte em vossos corações ... a palavra de

Deus habite em vós em plenitude, com tôda a sabedoria; instruí-vos e exortai-vos entre vós, com salmos e hinos e cânticos espirituais, cantando a Deus com suavidade em vossos corações".

✣

✣ ✣

Não só o canto, porém, é na Liturgia elemento manifesto e alimento eficaz do espírito de sociabilidade cristã.

Também a presença comum, sem diferenciação de casta, de classe social, de raça: "em Cristo Jesus não há grego nem bárbaro, nem escravo nem livre"; e a própria posição dos presentes — juntos de pé, juntos assentados, juntos ajoelhados — constituem elementos eficazmente formadores.

A presença comum, na comum e idêntica participação na oração, no ofertório, no Sacramento, é índice, é garantia de que, conformemente àquele conselho, na grande família de Deus não há filhos e servos, mas todos filhos admitidos na confiança e à mesa do Pai; e todos servos que esperam, entesourando Sua Palavra e Sua Graça, a Sua volta, pois a todos nos colocou em Sua Casa dos Céus. A posição comum é, no entanto, virtuosa superação daquele rebelde individualismo que leva fàcilmente a estranhar-se dos outros para seguir apenas uma inspiração própria, talvez caprichosa ... Mas é também sinal e alimento de união dos espíritos: se tôda a família acha-se sentada à mesa e um filho está de pé, todos se porão a dizer: "Mas senta-te!" oferecendo-lhe pressurosos a cadeira ... porque parece a todos que afasta-se da alegria comum, do comum encontro, quem não toma a posição comum.

Têm êste sentido, óbvio e comovente, as disposições exaradas a respeito nas rubricas dos livros litúrgicos, nos diretórios diocesanos e, recentemente, na "Instrução da S. Congregação".

Um gesto caro à antiguidade, não de todo caído em desuso — como observa o mesmo Santo Padre na "Mediator Dei" — é o ofertório: o oferecimento de todos ou a oblata levada por alguns ao altar em nome de todos. É um colocar em comum, a serviço do Pai e dos irmãos, os próprios recursos; é a contribuição dos filhos para a mesa familiar; e porisso São Cipriano reprovava a matrona que não fazia o oferecimento de seu pão e comungava depois com o pão oferecido por uma mulher humilde. Sempre, desde São

Paulo (que ordena as coletas para os pobres de Jerusalém na reunião dominical — I Cor. XVI, 1-3), desde São Justino, que afirma ser das oblatas tirado o socôrro para as viúvas, os órfãos, os forasteiros, os prisioneiros ... sempre o ofertório foi a contribuição dos filhos para a vida da grande família; é êle sobretudo a expressão externa da íntima união espiritual de todos e de cada um com o Cristo, vítima divina que se oferece e por todos é oferecida à majestade do Pai.

✣
✣ ✣

Neste momento, antes de dirigir a atenção para o ato que, na Liturgia, mais que qualquer outro cria e educa o espírito da fraternidade sobrenatural, parece-me oportuno tocar em alguns ritos que podem apresentar-se ao profano com aparente interêsse individualístico; e, pois que muitos são hoje os profanos, freqüentes vêzes são êsses ritos assim vistos e considerados.

O primeiro é precisamente o Batismo, considerado todavia como interêsse e festa de família; seguem-se a Confirmação e o Matrimônio: um e outro, em manifesta e diversa proporção, mas sempre de limitado interêsse: interêsse humano, bem entendido, no plano da parentela, da amizade, das boas relações, da correção ou ... do interêsse em sentido específico.

O uso, hoje generalizado, das chamadas "participações de casamento", com o respectivo convite, parece sublinhar o fato de que à comunidade eclesial êsses acontecimentos são indiferentes: a família paroquial, como tal, os ignora ...

Entretanto, se entramos no espírito da Liturgia — e, para o Batismo, o "Novus Ordo" da Vigília Pascal, bem como tôda a liturgia da Semana Santa, além da história litúrgica dos primórdios (ver, por exemplo, São Justino, no cap. 62 da Primeira Apologia) são documentos luminosos — vemos que também êsses ritos têm amplo reflexo social: a família de Deus aumenta com um novo filho e curva-se comovida sôbre êle; o exército do povo de Deus acolhe pela Confirmação os novos recrutas, e os neo-confirmados, renovando agora pessoalmente sua profissão de fé e a oração de filhos, entram com plenitude de direitos — cristãos perfeitos — na Comunidade; e no Matrimônio, dois membros do Corpo Místico unem-se de modo indissolúvel para sua própria dilatação e

para a expansão e continuação da família de Deus: a Igreja, a Paróquia não podem estar indiferentes; o sentido da Liturgia circunda com a alegria comum êsses acontecimentos ... como circunda com a oração de todos e a dôr comum as exéquias.

O poema do rito das exéquias situa-se, sem dúvida, entre os mais belos — e são tantos — poemas da Liturgia ... Mas, que não se esteja perdendo seu sentido também lá onde, por felicidade, ainda não se foi reduzido a uma pobre bênção apressada sôbre o caixão enquanto os participantes, à exceção dos parentes e amigos íntimos, ficam no recinto sagrado a tagarelar, como continuarão a tagarelar no híbrido cortêjo onde se alternam sinais de luto com os da mais desfaçada indiferença, e o único denominador comum parece ser a ausência de tôda esperança além do túmulo.

Falta a caridade, e a solidariedade humana não basta para substituí-la ...

A volta, porém, a uma compreensão do espírito litúrgico restituiria ao funeral seu sentido sobrenatural, já maravilhosamente rico em si mesmo como a derradeira homenagem prestada pelo cristão com seu corpo exânime, mas por precedente livre disposição, a Deus Pai, no seio da comunidade dos irmãos reunidos, ainda uma vez, em tôrno dêle, na casa comum, que jamais como naquele momento é a "porta coeli"...

Como é evidente então o canto consolador, verdadeira sentença absolutória que fecha o drama temeroso do "Libera": "In Paradisum deducant te angeli ..."!

Não posso, no entanto, deixar de acrescentar que também o próprio rito que precede a morte, a "Commendatio animae", rito que se desenrola na intimidade de um quarto silencioso, entre chôros reprimidos e o estertor de uma respiração que se extingue, reune ainda tôda a Igreja em oração: a do céu, invocada nas litanias dos agonizantes, nas invocações à Virgem, e a da terra, ao soar, no bom uso litúrgico, o sino de advertência, para que de todo coração fiel, na hora tremenda da misteriosa passagem, levante-se uma súplica fraterna ... e tôda a Igreja acompanha êsse filho que parte, até aos umbrais supremos.

Hoje, na vida mecânicamente acelerada, espiritualmente incolor, tudo isto talvez se vá desaparecendo; mas, como se vive mal sòzinho ... e, sobretudo, como se morre mal sòzinho!

A Liturgia provê com que o cristão jamais esteja só; e

isto importa, sem dúvida, deveres e responsabilidade, mas, em compensação, que riqueza de ajuda e de confôrto!

✣
✣ ✣

E eis-nos na Santa Missa.

Certamente em nenhum rito o sentido social manifesta-se e educa-se melhor que na S. Missa. Nascida numa sala de jantar — o cenáculo —, selada com um preceito de amor: "Amai-vos como Eu vos amei!", ilustrado, êste preceito, por um gesto significativo, o serviço prestado por Jesus aos Apóstolos lavando-lhes os pés ("o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir"); a Missa tem logo acentuado, pela comunidade cristã de Corinto, o seu sentido comunitário, ao associar-lhe o ágape.

Necessário não era, porém, relevar esta divina e grandiosa realidade, situada no centro da vida do cristão, da Igreja e do mundo!

Roma não teve, talvez, jamais, o ágape; a África, tão vizinha de Roma naquela época, o teve, mas separado da Missa ...

É já tão grande e luminoso o sentido da sobrenatural fraternidade da Missa, e já tão poderosa e eficazmente alimentado!

Porque a Missa é uma assembléia; bem mais: a assembléia dos filhos de Deus que se reunem na Casa do Pai Lêde o cap. XX dos Atos, o cap. 67 da Primeira Apologia de São na Jerusalém celeste, quando retorna o "Dia do Senhor", Justino; é a sinaxe dominical; esta grande família, fraccionada pelas várias cidades terrenas, à espera de reunir-se reune-se, verdadeiramente "família de Deus"...

Reunir-se é reconhecer estar-se ligado por vínculos comuns; é encontrar-se para um fim comum. Êste fim é a audição da palavra de Deus, guardada e dispensada pela Igreja; é a unidade de sentimentos no responder a essa palavra com as invocações comuns, com o ato comum de fé ...

Mas é sobretudo unir-se e sentir-se unido no prestar a Deus um culto adequado, digno de Sua Grandeza infinita, oferecendo-se todos juntos — nos servi tui, sed et plebs tua sancta — a Vítima augusta é Jesus, e nós próprios com Êle.

Nesse momento o vínculo da sociabilidade perene estreita-se. A assembléia sente que é a família de Deus, com Quem Cristo, primogênito de u'a multidão de irmãos, recon-

ciliou-a, lavando-a com o sangue de Sua cruz, cujo mistério renovou-se sôbre o altar.

Sôbre essa assembléia agora Deus pousa Seus olhos com paterna complacência e a Êle sobe, de parte do Celebrante e de todos os presentes, a saudação filial: "Pai nosso . . .", com o pedido tão eminentemente filial: "o pão nosso de cada dia nos dai hoje . . ."

E Deus parte sôbre o altar, pelas mãos do sacerdote, o Pão que o gesto e as palavras de Jesus, renovados na anáfora pelo Celebrante, transmutaram no Corpo e Sangue de Cristo, tal um pai de família que tem ao redor da mesa a coroa dos filhos e divide entre êles o grande pão da casa, fruto de seu esfôrço, de seu suor e, de certo modo, de seu sangue, com o qual nutre e cria seus filhos.

Assim os filhos, entre os quais o pão é dividido, são cimentados no sentido da fraternidade: aquêle único pão dividido entre todos une-os todos ao pai e todos entre si . . .

Com bem mais profunda verdade o pão eucarístico, que, não por transposição de têrmos, porém verdadeira, real e substancialmente é carne e sangue do Filho de Deus, dividido entre nós, não só nos une ao Cristo que se faz alimento de nossas almas, mas vincula-nos também, poderosamente, uns aos outros: "Nós todos", escreve São Paulo de modo tão convincente, "somos um só corpo, quantos participamos de um só Pão". E o sangue de Cristo, que misteriosamente circula em nós, faz-nos, segundo a observação de Crisóstomo, consaguíneos de Cristo, e ainda, por conseqüência lógica, consaguíneos entre nós, uma fraternidade, pois, germana!

As primeiras comunidades cristãs ressaltaram o sentido profundo da fracção do pão, e por êste nome, nos escritos apostólicos e ainda na Didachê, é chamada a eucaristia: entreviram, também, com lucidez, as conseqências sociais práticas desta realidade divinamente oferecida aos homens: "Se temos em comum os bens celestes", comenta já nos albores do II século a Didachê, como não colocarmos em comum com os necessitados os bens terrenos?"

A ilação é perfeitamente lógica e dá à vida do cristão e da comunidade cristã um sentido e uma direção tôda nova; sentido e direção que, se, no impulso da primeira cristandade hierosolimitana pôde elevar-se à distribuição dos bens entre aquelas vocações privilegiadas, na praxe das Igrejas paulinas encontrou seu curso adequado às exigências comuns da vida cristã.

Esta é eminentemente vida de fraternidade, repousando no mistério do Cristo, que, Filho único de Deus, tornou-se nosso Irmão para dar-nos o privilégio de com Êle ter em comum a suave paternidade do Senhor.

A ilação da Didachê é, sem dúvida, empenhadora. Alguém que a leu um dia defronte à mesa de meu altar doméstico — onde eu a quís adptada na frase restritiva: "Se dividimos entre nós o pão celeste, como não dividiremos entre nós o pão terreno ?", observou que era dura ...

Não, não é dura. É lógica; é formadora; é empenhadora, também, ante o egoísmo ávido com que nos atiramos sôbre bens que, divididos, apoucam-se. Mas não é dura: é antes a condição para que a vida seja bela e alegre, vida da família, de tôda a comunidade, do mundo ...

"Vêde quão belo é viverem juntos os irmãos ! É como um perfume que, derramado sôbre a cabeça, desce até as orlas das vestes; é como o orvalho a emperlar o Hermon ... Pois Deus, lá onde assim se vive, manda sua bênção e a vida eterna ..." Assim já cantava o Salmo ...

Não é dura, embora empenhadora, aquela ilação que consubstancia todo um profundo senso evangélico; porque aquêle Pão celeste que, sem egoismo, fàcilmente temos em comum, não só significa e importa a comunhão dos bens terrenos, mas nutre em nós o espírito de caridade, que a torna menos difícil e atenua as reações do egoismo ... "Spiritus nobis, Domine, tuae charitatis infunde, ut quos uno Pane coelesti satiasti, tua facias pietate concordes ..."

Assim, na Liturgia por excelência que é a S. Missa, tudo, mas sobretudo a Comunhão, com vigor sobrenatural educa no espírito de fraternidade, em autêntico sentido social.

É de precaver-se apenas de um perigo, para nós homens, sempre presente: o de aviltar as coisas mais belas ... Parece absurdo, mas é verdade, embora paradoxal: uma devoção não esclarecida pode tentar tornar a ação litúrgica, mesmo a Comunhão, um gesto individualístico, quase egoístico, de forma que, ao aproximar-se da mesa do Pai, ignorem-se os irmãos.

Que fazer ? Retomar o contacto vivo com a Liturgia, sua história, seu espírito; alargar e aprofundar a participação ativa: a visão se amplia e o desígnio misterioso de Deus reaparece em sua beleza luminosa: "Todos somos um só corpo em Cristo Jesus, Nosso Senhor" !

# Um pioneiro da música indiana a serviço da Igreja

*Por C. WEIRICH*
*(Do Osservatore Romano, Ed. Francêsa, 8-8-63)*

Quem visita as pitorescas regiões da Índia fica impressionado ao ver a que ponto o canto é um elemento inseparável da vida quotidiana da população. O indiano canta não apenas nas festas, mas também durante o trabalho: o campônio atraz de sua charrua, o viajor sôbre a estrada poeirenta, o operário manejando seus instrumentos, o vendedor de nozes nas estações. Durante longas festas noturnas, vilas inteiras fazem ouvir seu canto, ao som do tambor e de palmas ritmadas. Freqüentemente os versos são improvisados. É uma tradição secular.

No decurso da primeira sessão do Concílio Ecumênico ressaltou-se a importância que há em adaptar os meios de difusão da fé às características particulares de cada povo, especialmente em terra de missão, a fim de que a religião do Cristo, que é universal, não apareça como um objeto de importação, mas possa aí viver com um patrimônio próprio. De onde a necessidade de inserir a fé nos hábitos característicos do país, desde que êstes possam adaptar-se ao conceito universal da verdade.

No que diz respeito à Índia, um dos meios eficazes para ali fazer penetrar e florescer o Cristianismo é o canto segundo a mentalidade e costumes locais, visto que a música ocidental ali não é compreendida e afasta as almas em vez de atraí-las. Os próprios cristãos cantam nas melodias do país as verdades da fé e os fatos história bíblica e dos Evangelhos. É por vêzes emocionante ouvir-se um simples campônio, a

miude inculto, cantar em seus cantos o que êle sabe do Cristo e da Virgem, enquanto outros escutam e repetem em seguida, cantando, as suas palavras.

Há também verdadeiras obras literárias, os "cantos dos heróis" religiosos, como o famoso ISAYAN dos antigos cristãos de Bettiah, que contém tôda a Bíblia e a doutrina cristã, ou o MUSIBAT, que é um canto sôbre a paixão do Cristo. Mas o que surpreende é que também com freqüência, em vilas de todo pagãs, é cantado de cór o KIRTANS cristão, aprendido de alguém em outras ocasiões, pois até lá nenhum missionário jamais puzera os pés. Como assim, pois? Precisamente porque, em sua música, o indiano encontra de nôvo a expressão da alma popular que compreende e de imediato acolhe.

*As iniciativas do P. Edmond Packwood, Capuchinho.*

S. Exc. D. Leonard, Bispo de Allahabad em interessante artigo do número de dezembro de 1962 da revista alemã DIE KATHOLISCHEN MISSIONEN, fala-nos de modo eloqüente do sentido inestimável da música religiosa para a Igreja e o apostolado missionário na Índia. Os missionários, é verdade, já havia algum tempo, estavam convencidos disto, mas as tentativas isoladas visando criar um música religiosa indiana sòmente deram lugar a uma instituição permanente em 1947, quando da chegada na Índia do Capuchinho canadense P. Edmond Packwood, que conseguiu criar uma obra capaz de dar à Igreja na Índia sua própria música.

O humilde filho de S. Francisco, técnico em música ocidental, especialmente em canto gregoriano, possuia também o raro dom de compreender de desempenhar seu duro apostolado missionário, pôs-se imediatamente a estudar a música hindustânica para fazê-la servir a seu trabalho apostólico. Ao fim de seis anos, conhecia-a tão bem que podia, em novembro de 1954, bacharelar-se na PRAYAD SANGIT SAMITI de Allahabad, uma das mais famosas academias de música da Índia setentrional, e, um ano depois, obter o grau de professor, reconhecido pelo Estado.

Começou então a escrever música indo-cristã utilizando a notação indiana, pois as notas ocidentais não são adaptadas às exigências particulares da música indiana. Depois, em 1956, abriu uma escola de verão de música indiana em Naukuchiatel, nos promontórios do Himalaya, para preparar os alunos aos exames do Estado. Em cinco anos, até à sua

morte, formou 407 estudantes, americanos e europeus, indianos, paquistãos e ceilonenses, dos quais 78 sacerdotes, 122 seminaristas ou irmãos conversos, 130 irmãs e 72 leigos de ambos os sexos. A escola era mesmo freqüentada por 5 pastôres anglicanos. A PRAYAD SANGIT SAMITI de Allabahad tanto apreciou sua iniciativa que não tardou a colocar à sua disposição, para seus cursos, seus próprios professôres. No verão de 1960 êle criou mesmo um segundo curso para o canto coral gregoriano.

*Grande reconhecimento dos indianos cultos*

Além de sua atividade já extraordinária, o P. Emond pensou em prosseguir seus estudos musicais e, em 1957, tornou-se MASTER OF ARTS, não por amor a graus e diplomas indianos, mas porque julgava que êsses atestados oficiais podiam servir-lhe para fazer conhecer sua obra em favor da música cristã indiana, especialmente nos meios cultos. Enfim preparou-se para obter o diploma de SANGITACHARYA, isto é, de música indiana, em dos mais ilustres Institutos superiores de música da Índia: o AKHILA BHARATIYA GANDHARVA MAHA-VIDYALAYA MANDAL, com sede em Puna. Começou a escrever seu estudo comparado dos três tipos de música: grego, gregoriano e indiano. A morte fez tombar a pena de suas mãos.

Já numa conferência em Allahabad, diante de um grupo de peritos em música, e que suscitou interêsse extraordinário, êle avançara a tese de que a música gregoriana era de origem grega e a música grega tinha sofrido a influência da música indiana. Esta opinião não era compartilhada por todos os peritos. De qualquer modo ela lançara novas luzes sôbre a questão. É verdadeiramente lamentável que o P. Edmond não tenha podido terminar êste estudo, mas não é impossível, como o esperamos aliás, que outros venham prosseguir êsse trabalho de pesquisa, tão importante para o mundo musical. Seja como fôr, o P. Edmond conquistara para sempre o grande reconhecimento dos indianos cultos por sua música reliiogsa indiana, como diremos.

*Sua grande atividade de músico*

Não contente de dar um ensinamento teórico e prático, o P. Edmond criou novas composições de música indo-cristã.

Em 1957 saiu seu KRISTYAG, acompanhamento musical das partes fixas da Santa Missa, com texto em sânscrito. Para a mesma música escreveu em seguida o texto em indiano. Compôs diversas dansas religiosas sôbre as parábolas e cenas do Evangelho, inspirando-se em parte nos salmos do P. Gélineau, que os peritos julgam aliás convir melhor a um músico autóctone. Muitos dêsses salmos foram igualmente gravados em discos na coleção DISQUES LUMEN de Paris. Lembremos ainda que êle compôs a maior parte da música do catecismo, outra característica do país, para facilitar à população os ensinamentos da Igreja; duas coletâneas de cantos de escola e uma série de cantos litúrgicos, para as diferentes partes do ano eclesiástico. Deve-se notar também seu importante curso por correspondência sôbre a música hindustânica, começado em 1956 e que devia durar oito anos. Quando de sua morte já tinham sido publicadas 60 lições em 295 páginas, com as instruções necessárias para obter o diploma PROBAKHAR, conferido depois do exame pela PRAYAD SANGIT SAMIT de Allahabad. Em 1960 enfim, êle começou a publicação duma revista trimestral, o S.S.H.M. Musical Bulletin, para fazer conhecer a melhor música religiosa, tanto indiana como gregoriana; 6 fascículos já apareceram e êle deixou material para mais quatro outros números.

D. Raymond, bispo de Allahabad, explica-o em seu artigo. "O segrêdo de sua energia extraordinária no trabalho estava em sua fé sólida no valor apostólico do empreendimento. Encontrara na música indiana um meio de expressão particularmente adaptada à mentalidade indiana, para propagar o Evangelho. Queria lançar uma ponte extremamente sólida e só o podia contentar o melhor e mais belo resultado. Queria criar uma música que pudesse ser ao mesmo tempo respeitada e apreciada pelos indianos cultos. Os elogios que lhe fizeram numerosos indianos peritos em música provam que o conseguiu plenamente.

O segrêdo de sua energia de trabalho era também o segrêdo de seu sucesso. O P. Jayakody O.M.I. de Ceilão, dizia, com efeito: "O P. Edmond introduziu a música, a arte e as tradições da Índia na Igreja, tão bem que o povo não pode mais sentir-se estrangeiro no templo de Deus". Um professor de música hindu bastante conhecido, declarava pùblicamente: "Na Índia temos dado demasiado espaço à música clássica, música de virtuose que diz muito pouco ao povo simples. A escola do P. Edmond, ao contrário, dá uma forma de

música que é efetivamente indiana e ao mesmo tempo um canto autêntico da comunidade".

Graças aos subsídios de católicos alemães foi construído em Allahabad um centro para os estudantes católicos de música na SANGIT SAMIT. desejar-se-ia, agora, abrir uma segunda escola de verão de música religiosa indiana. O Irmão Vijay Anand, de Allahabad, foi encarregado de prosseguir a obra magnífica do P. Edmond, de quem foi aluno e, depois, colaborador. "Se queremos verdadeiramente a conversão da Índia", conclúi o bispo de Allahabad, "devemos descobrir uma linguagem que seja compreendida, apreciada e admirada pelo indiano culto, consciente da tradição e da cultura de seu próprio país.


## SEMANA DE ESTUDOS GREGORIANOS

**19 a 30 de Janeiro de 1964**

**SÃO PAULO**

O INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO através da ESCOLA REGIONAL DE S. PAULO promove êste curso de Cântico Gregoriano, com os 4 anos do currículo. Será dado também um curso de LITURGIA e celebrados comunitàriamente Missas e Ofícios cantados.

Local: COLÉGIO ASSUNÇÃO, Alameda Lorena 655. tel.: 80-9667.

Horário dos cursos: 8,30 às 11,30 e 13,30 às 1630.

*SIMULTANEAMENTE*:

MÉTODO "*WARD*" para o ensino da Música às crianças.

— Encontro de 30 de Janeiro a 1.º de Fevereiro de todos os diplomados pelo INSTITUTO para debaterem problemas de técnica e didática gregoriana.

*INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES*:

— Instituto Pio X do Rio de Janeiro, Rua Real Grandeza 108, Botafogo, GB — Tel. 26-1822.

— Escola Regional de Canto Gregoriano, Colégio das Cônegas de Santo Agostinho, Rua Caio Prado 232, S. Paulo, SP — Tel. 34-1226.

# VIDA DO INSTITUTO PIO X

## CRÓNICA DA SEMANA GREGORIANA DO RIO DE JANEIRO JULHO DE 1963

Mais uma vez as Madres Beneditinas do Colégio Santo Amaro reservaram aos semanistas uma hospitalidade já tradicional entre nós, e desde a chegada, sentimo-nos "em casa". (Aqui deixamos os nossos sinceros agradecimentos a tôda a comunidade).

Iniciou-se a Semana com a Missa de Nossa Senhora do Carmo, muito bem cantada sob a regência do Padre Nereu de Castro Teixeira. O celebrante Dom João Evangelista dirigiu-nos a sua palavra entusiasta, bela e profunda, pondo em relêvo o valor espiritual do canto gregoriano.

Às 8 h.30 do dia seguinte, os 4 anos entregaram-se ao trabalho quase "forçado". O 1.º ano ficou aos cuidados da Irmã Filomena dos Santos Anjos, experimentada e eficiente; o 2.º ano à nossa cara e incansável Dona Laura, que também fêz uma "incursão salmódica" no 3.º ano, uma vez por dia, a fim de permitir ao Padre Nereu, que se dedicasse com tôda sua competência aos futuros "Regentes" do 4.º ano. Para permitir a incursão de Dona Laura no 3.º ano, uma "incursão de solfejo e de contagem" foi feita no 2.º ano por M. Marie du Rédempteur. Nosso trabalho, porém, não era só sério. Após o almôço, pelas 13 horas, havia um recreio "folklórico" com o Padre Nereu e seu violão. De todos os cantos bonitos que nos ensinou, um se tornou o nosso favorito: "Meu São Benedito . . ."

Às 13 h.30, o trabalho retornava o seu ritmo e, depois da merenda, reuníamo-nos ao redor de Dom João Evangelista para o ensaio, único momento do dia que passava entre nós.

Os dias passavam depressa demais. Chegou o sábado que se assinalou por uma nota diferente. Os 62 semanistas

e os Professôres distribuiram-se (não sei como!) pelos lugares de um ônibus do Colégio que as Madres puseram amàvelmente à nossa disposição, para nos levar à Rádio do Ministério de Educação. Dom João Evangelista tem lá, todo sábado, sua meia hora, e êle fêz um programa especial, permitindo a execução de várias peças do comum e do próprio tempo. Depois desta gravação fizemos uma outra de modo que houvesse um disco ao alcance de todos.

Outra experiência interessante foi a da televisão, 4.ª feira, horário especial — início das aulas às 13 horas — às 17 horas e poucos minutos, mais uma vez, o ônibus do Colégio levou-nos ao Canal 9 e às 18 horas levamos ao ar três peças do nosso tão belo gregoriano — o introito do 7.º domingo depois Pentecostes, "Omnes gentes plaudite manibus" — o Alleluia da missa de Sant'Ana e o lindo ofertório "Ave Maria" do 4.º domingo de Advento. Mas, o público precisa saber que nós nos divertimos com coisas mais leves — o Padre Nereu tomou seu violão para cantar "Meu São Benedito"...

Depois do ensaio de sexta-feira, a alegria do "Cor unum" expandiu-se numa sessão humorística, sob a direção de Padre Nereu, que tem um repertório inesgotável de canções e histórias.

Eis que a Semana se acabou, todos unidos no Sacrifício da Missa, como no início, missa de Sant'Ana muito bem executada sob a regência de D. João Evangelista. No "café festivo", teve o Diretor do Instituto a satisfação de dar mais 6 diplomas de Regência, sendo os laureados calorosamente aplaudidos.

E não faltou nesses dias, a presença amiga de Mlle. Jeanne Coutela, sempre gentil e solícita para nos ajudar nas compras e encomendas de livros. Muito obrigada.

A visita rapidíssima de Irmã Maria Lina nos deu grande prazer.

Lamentamos a ausência de Mère Marie Rose, que se achava em retiro espiritual, mas sentimo-la pela oração. Que Deus continue abençoando a semente por ela plantada já há 11 anos e cujos ideais e sacrifícios sustentam e frutificam nossa grande, mas humilde obra.

## MÉTODO *WARD* NO INSTITUTO SANTA ESCOLÁSTICA

"Os Passarinhos do Santa Escolástica", como êles se chamam a si mesmos, são alunos e alunas do Curso Primá-

rio do Instituto Educacional Santa Escolástica. Ansiosos por saberem cantar bem, rivalizam-se em zêlo com a professôra do Método, logo que a encontram êles vêm voando e se queixando: — Por que não veio cantar conosco?...

Pois bem. Desejo apenas mostrar, de modo concreto, como as crianças gostam dêste método maravilhoso.

*Começamos em 1961,* com uma turminha de voluntários que hoje, lìcitamente orgulhoso se consideram os "pioneiros". Todos os dias, meia hora antes do início das aulas, reúnem-se meninas do 2.º, 3.º e 4.º anos. Deixam de lado sorvete e recreio com as demais colegas, para brincar com sons puros e delicados, para jogar, não com a bola, mas com um belo "n-u ...." pelo ar. A demonstração feita no fim do ano escolar foi um verdadeiro sucesso. Os "passarinhos pioneiros" exultaram com o aplauso geral dos colegas e professôras.

*1962.* Depois da 2.ª semana do Método WARD, Curso Normal, em São Paulo, alargaram-se os horizontes, portanto, novas espectativas.

Constatamos que o número dos pioneiros se reduzira a 15, mas êstes 15 enfrentaram corajosamente o 2.º ano do M.W. Entretanto, chegaram outros 30 passarinhos, 1.º ano feminino, uma classe inteira, para a qual a professôra reservou diàriamente o tempinho necessário. E esta boa professôra não se arrependeu: o desenvolvimento de suas alunas superou consideràvelmente ao das da outra classe da mesma série. Assim, a verificação dêste resultado veio confirmar que *"a educação musical é um elemento fundamental para o desenvolvimento intelectual e a formação do caráter".*

A fiel progressão dos exercícios trazia, dia por dia, agradável surprêsa: — Que novidade haverá hoje? Sobretudo, as composições espontâneas dos "pioneiros", despertaram entusiasmo sempre crescente. Experimentavam o valor do próprio esfôrço e a satisfação crescia quando uma, outra, mais outra melodia de sua autoria passavam por todo o Curso Primário. Tôda a criançada desejava cantar esta ou aquela canção que um dos "passarinhos" fêz. Tudo isto se foi realizando com naturalidade, desconhecendo por completo qualquer presunção.

Nos programas das festinhas escolares, sempre foram incluídos vários números executados pelos "Passarinhos". E, num domingo, tôda a passarada alçou vôo, quer dizer, um um vôo em "jeeps", até um asilo de crianças órfãs, para cantar e alegrar-se com elas.

*1963!* Infelizmente não houve em janeiro a continuação do Curso Normal. E agora ?! Dizer aos Passarinhos que a festa acabou ? Impossível ! Na última hora veio-me uma boa idéia: Os mesmos Passarinhos "pioneiros" deverão ensinar os "filhotes". Sendo assim, ficou estabelecido o seguinte, para êste ano escolar de 1963:

Cada "ROUXINOL" — é o nome atual dos "pioneiros" — recebe de tempo em tempo uma ficha com a tarefa minuciosamente indicada para a lição a ser dada. Prepara-se, consulta-me, pensa e, no seu dia, ansiosamente esperado, transmite aos outros Passarinhos a lição. São 30 os novos Passarinhos, a saber: "Bem-te-vis" (alunas do 3.º ano) e "Beija-flôres" (1.º ano).

Para êste fim, chegam êles à escola meia hora antes das aulas. Que prazer! Parece que as novas professorinhas têm um dom especial para transmitir o "como produzir" um belo som. A progressão destas aulinhas gostosas não difere em nada do método de Madame Ward. Dia por dia, um passo para a frente no mundo dos sons puros e dos ritmos perfeitos. O rouxinolzinho, chegado o "seu dia", lá está no seu pôsto, de fichinha e varinha, fazendo "ritmar e cantar bem" sua turma.

Mais três classes do Curso Primário abriram suas portas para o Método Ward. — Nós também queremos aprender, disse a série B do 2.º feminino e os garotos do 1.º e 2.º anos. Mas, infelizmente, o tempo da única professôra não se triplica. Então, vamos descobrir outro geitinho! Como tôda gente que quer coisas valiosas, com pouco dinheiro, paga-as a prestação, resolvemos o caso assim: a primeira hora do tempo inicial das aulas será dedicada aos meninos, 1.º e 2.º anos, alternadamente e, pelo fim das aulas, 20 minutos às meninas do 2.º ano A e B, também alternando. Certamente, o desenvolvimento é mais lento, mas o método em nada fica prejudicado.

Se assim não se procedesse, as crianças ficariam privadas daquela alegria e gôzo que lhes brilham nos olhos ao aprenderem, brincando, tudo o que lhes é necessário para, mais dignamente, entoar os louvores ao nosso amantíssimo Criador e Redentor.

Sorocaba, 24 de agôsto de 1963
*Sr. M. Siegtrud Ibscher O. S. B.*

## VIDA DA ESCOLA PIO X DE PÔRTO ALEGRE — MISSA GREGORIANA CANTADA POR CRIANÇAS

*"Da bôca das crianças e dos pequeninos sai Vosso louvor"* (Sl. 8, 3).

O "Dia Nacional da Santa Infância" foi comemorado, neste ano, com inusitado esplendor na paróquia São Francisco de Assis, Pôrto Alegre. Foi celebrada uma missa festiva em Canto Gregoriano (Missa XVI — Glória XV — Credo III), executada por 104 crianças da paróquia.

Foram necessários dois meses de ensaios, quase diários, às vêzes prejudicados pelo tempo desfavorável. Mas o resultado de tão árdua iniciativa foi altamente compensador. A missa saiu muito bem: ritmo perfeito, pronúncia romana do latim, e afinação, que pouco deixou a desejar. A empolgante solenidade, irradiada pela Rádio Difusora de P. Alegre, causou grande alegria às crianças, aos pais e aos fiéis, que lotaram completamente a ampla igreja, sem dúvida uma das mais belas da Capital gaúcha.

*Pe. Frei Emílio Scheid, O.F.M.*

---

## VIDA DA ESCOLA PIO X DE PÔRTO ALEGRE — ADORAÇÃO EUCARÍSTICA COM VÉSPERAS CANTADAS

"Para que Deus fôsse louvado convenientemente, pelo homem, o próprio Deus louvou a Si mesmo; e, porque Êle se dignou louvar a Si mesmo, o homem encontrou a maneira de melhor louvá-lO." (St.º Agostinho).

Depois do Santo Sacrifício da Missa, é o Ofício Divino, prece do Corpo Místico de Cristo, a mais perfeita adoração e ação de graças que possamos render a Deus.

Desenvolvendo com entusiasmo êstes pensamentos, Frei Emílio Scheid, na festa da SSma. Trindade, incentivava o canto das Vésperas, durante a Hora Santa Eucarística das Religiosas, na Igreja das Dôres, sede da Adoração Perpétua.

Vésperas cantadas, uma iniciativa muito louvável da Escola Pio X de Pôrto Alegre. Desde maio, o canto das Vésperas, vem sendo a grande atração do segundo domingo de cada mês, e nossa adoração toma assim um significado

mais amplo e mais consolador. Ao som do órgão, centenas de vozes se unem no canto dos salmos, anunciando com nova alegria, o louvor e a glória da Graça de Deus.

Fazendo votos que dêste "comêço entusiasta" se chegue logo mais a um "poderoso uníssono", nós louvamos a dedicação de nossos mestres, que, sem medir sacrifícios, nos proporcionam assim, um contato mais profundo, com as verdadeiras fontes de espiritualidade.

*Irmã Ruth Maria*

---

## IV SEMANA GREGORIANA DE PÔRTO ALEGRE.
(11 - 21 de julho)

A IV Semana Gregoriana de Pôrto Alegre, realizada no Colégio Sévigné, foi iniciada com missa cantada, com a colaboração do côro dos teólogos Capuchinhos e das Irmãs Franciscanas da Santa Casa de Misericórdia. Inscreveram-se aproximadamente 70 alunos, na maioria Religiosas de diversas Congregações.

Pela primeira vez funcionou o Curso completo de Canto Gregoriano, com seus 4 anos. No I ano estreou o Revdo. Pe. Octávio Ritter; no II lecionou Frei Emílio Scheid, OFM, e no III-IV Frei Gil de Roca Sales, OMC. Além da matéria-base: Canto Gregoriano, foram ministradas as seguintes matérias auxiliares: solfejo, pelo Prof. Armando Albuquerque; técnica vocal, pelas professôras Mirtes Matte e Madeleine Ruffier; conferências sôbre liturgia, pelo Revdo. Côn. Albano Kreutz.

O solene encerramento foi feito na Catedral Metropolitana com missa cantada, sendo regente o Revdo. Frei Gil e comentador o Revdo. Côn. Albano Kreutz. Ao evangelho fêz uso da palavra o Sr. Arcebispo metropolitano, congratulando-se com mais esta iniciativa da Escola Pio X e estimulando os Semanistas a cultivarem e propagarem cada vez mais o autêntico canto da Igreja. A solenidade foi irradiada pela Rádio Difusora.

Muito bom foi o aproveitamento dos alunos que apreciaram realmente o trabalho dos professôres. Disto testemunham as cartas que, depois, nos foram enviadas.

*Frei Emílio Scheid OFM.*

# Crônicas Radiofônicas

## JOÃO XXIII E AS QUATRO COLUNAS DA PAZ

A figura de João XXIII, o bom Papa da comunicabilidade, da unidade e da Paz continua bem viva na memória daqueles que choraram sua morte porque foram cativados de admiração por sua vida. A doutrina de João XXIII, esta, continuará também viva, e retornará frequentemente às cogitações dos que se preocupam com o destino da humanidade, pelo simples fato de terem consciência de sua condição humana. As vozes humanas que procuram a Deus serão sempre levadas a repetir, a reassumir essa voz de um homem da terra que realmente encontrou a Deus.

Cremos que uma feliz idéia, dentre outras, expressa no magnífico discurso do Papa João XXIII proferido na Basílica de S. Pedro, por ocasião da solenidade em que S. Santidade recebeu o Prêmio Balzan da Paz, merece ser especialmente salientada e considerada entre nós. Falando com sua habitual simplicidade e abrindo, realmente, com sinceridade, seu coração de homem de Deus e que por isso mesmo mantinha vínculos de entendimento, de compreensão e de afeição dos mais estreitos com o coração de todos os homens, o Papa João XXIII referia-se ao ambiente que o cercava naquele momento soleníssimo e daí passa, qcase insensìvelmente, para importantes considerações doutrinárias sôbre o quádruplo fundamento da Paz na terra, segundo sua última e importante Encíclica da última Páscoa: "Pacem in terris."

É o Papa João XXIII quem nos fala: "O segundo tema de reflexões nos é fornecido pelo quadro majestoso da Basílica Vaticana. Ela aparece, neste dia, penetrada da luz de um dêsses exemplos dos quais é tão rica a história da Igreja. O acontecimento de que se trata aqui, a celebração da paz, tem um sentido profundo que tocou o coração de todos. Somos as felizes testemunhas da unanimidade que espontaneamente se fêz em torno de uma celebração memorável realizada em honra da paz. E vos convidamos a elevar o pensamento para aquêle que está na origem desta iniciativa: Eugênio Balzan. O humilde filho do mundo do trabalho tinha o olhar voltado para o futuro. Seu gesto permanecerá como benção para o exercício e para o serviço da verdadeira paz.

Nunca, talvez, como na circunstância presente, uma homenagem à glória da paz terá suscitado nos corações um tal impulso de espontanei-

dade, de simplicidade, de calor e de ternura. A paz, vista na luz de Deus e refletindo-se no coração os homens, que espetáculo, caros filhos, e que delícia para o espírito e para o coração!

Mas, é um edifício que se constrói dia a dia, e sôbre bases sólidas. Aqui, sob as arcadas da Basílica Vaticana, vemos alçar-se no céu de Roma a incomparável cúpula de Miguel Angelo. Mas, nós não nos podemos esquecer que ela repousa sôbre quatro imponentes pilastras que penetram profundamente na terra até a rocha, esta rocha da qual se fala na conclusão do sermão da montanha: "a casa edificada sôbre a rocha não foi arrastada pela tempestade" (Mat. 7,25) Pois bem, a Paz é uma casa, é a casa de todos. É o arco que une a terra ao céu. Mas, para se elevar tão alto, precisa repousar sôbre quatro sólidas pilastras: aquelas que indicamos em Nossa Encíclica *Pacem in terris:* "A paz, diziamos então, não passará de uma palavra fazia de significado se não estiver baseada sôbre a ordem que nós, com férvida esperança, traçamos nesta Encíclica: ordem fundada sôbre a verdade, construída segundo a justiça, vivificada e completada pela caridade e realizada na liberdade" (Encíclica Pacem in terris, 5.ª parte).

Estes quatro princípios, que sustentam todo o edifício, pertencem ao direito natural, inscrito no coração de todos. Razão porque foi também a tôda a humanidade que dirigimos nossa exortação. Estamos, com efeito, convencidos de que no decurso dos anos que virão, à luz das experiências passadas e em uma apreciação objetiva e serena da linguagem da Igreja, a doutrina que ela oferece ao mundo, se imporá por sua própria clareza. Apresentada aos homens de hoje, afastada de qualquer deformação partidária, não é possível que ela não faça aumentar no mundo o número daqueles nos quais recairá o mérito e a glória de serem chamados construtores e edificadores da Paz."

Não era a primeira vez que o otimismo do Papa abalava e deixava estupefacto o espírito dos homens de nosso tempo, homens de coração e ânimo esclerosados pelas repetidas desilusões com as realidades e idéias que povoam nosso mundo. O otimismo do Papa parece-nos de uma profundeza inegualável, sôa-nos como a profecia sobrenatural de um bom Profeta que eleva todos os corações para uma inabalável confiança no Reino de Deus, do qual, a ordem pacífica da cidade terrena deverá ser um símbolo e uma antecipação profundamente desejada e pela qual se deve trabalhar com tôdas as fôrças. A palavra otimista do Papa parece partir da convicção de que é verdadeiramente impossível arrebatar-se o Reino de Deus, isto é trabalhar para êle, crescer para êle, sem se trabalhar simultâneamente para sua antecipaqão entre os homens. Isso porque a substância da conquista daquele é o meio primordial do estabelecimento dêste: a caridade, o amor com todo cortejo das virtudes cristãs que necessàriamente o acompanham. Assim, poder-se-ia audaciosamente dizer que da mesma forma como é impossível amar a Deus sem amar o próximo, é impossível arrebatar o Reino de Deus pelo amor, sem que êsse amor de algum modo contribua eficazmente para instalação de uma substancial ordem de Paz, de uma paz verdadeira entre os homens. Creio

ser essa uma, senão a explicação do notável otimismo e dom profético do Papa João XXIII quanto à paz entre os homens. Não raro o otimismo em geral é fàcilmente explicado e explicável pelas condições de equilíbrio humano, natural, físico da pessoa que o possui. Ninguém nega que a pessoa de João XXIII o inclinasse para o otimismo, ninguém porém admitirá, com algo natural, que o admirável ancião pudesse permanecer humanamente indiferente às situações angustiosas de todo o gênero que o cercavam e ainda mais ao seu próprio estado de saúde que êle sentia e sabia perfeitamente, com tôda a lucidez e clareza, ser gravíssimo, o que o levava a dizer que aguardava a morte a qualquer momento. "Começamos o nosso octogéssimo segundo ano de vida, chegaremos ao fim? Todos os dias são bons para morrer."

Seria talvez lícito perguntar se precisamente essa situação diante da morte não o colocava de tal forma próximo da grande esperança de todo o cristão, da esperança do Reino de Deus, centro do Evangelho de Cristo, que já lhe fôsse dado ver êsse Reino como objeto de uma fé certíssima, considerando-o também em sua tão natural quanto almejada antecipação entre os homens.

É certamente verdade que tudo aquilo que descobrimos e vemos com grande clareza custamos a admitir não seja também visto, apreciado, amado por todos os que nos cercam. Por isso o Santo Padre diria com candura quase infantil — que a Sabedoria às vêzes escolhe para se exprimir — estar convencido, nada menos que isso, *convencido*, que "no decurso dos anos que virão, à luz das experiências passadas e em uma apreciação objetiva e serena da linguagem da Igreja, a doutrina que ela oferece ao mundo se imporá por sua própria clareza. Apresentada aos homens de hoje, afastada de qualquer deformação partidária, não é possível — são bem essas as palavras — *não é possível* que ela não faça aumentar no mundo o número daqueles nos quais recairá o mérito e a glória de serem chamados construtores e edificadores da Paz." Diante dessa palavra que vem da eternidade, confiante e segura, que nos soa como a palavra do próprio Cristo, também ela otimista, mandando ensinar e batizar a todo o mundo, sentimo-nos como que obrigados, como homens e como cristãos, a nos debruçarmos sôbre os fundamentos apontados pelo Papa e a considerá-los com tôda a atenção e desvêlo. É o que será objeto de futuras considerações.

(Transmissão de 15.6.63)

## LIBERDADE, PARA QUE?

A casa da Paz, a grande casa de todos, desejada por todos, ergue-se alto para o céu, fundamentada em quatro sólidas pilastras. A paz consistirá em uma ordem que se funda sôbre a verdade, construída segundo a justiça, completada pela caridade e realizada na liberdade. Aí está a hoje repetida síntese formulada por João XXIII como o testamento in-

substituível da mensagem evangélica aplicada ao âmbito social de nosso tempo, em dimensão universal. O testamento doutrinário do querido Papa João tem a nota profética de sua palavra de convicção na fecundidade que estas idéias exerciam — é impossível que não exerçam, dizia êle, na mente e no espírito dos homens de boa vontade que habitam a terra.

A convicção do dom profético é selada com a morte, a morte lúcida e serena que demonstra como já se pode pertencer ao céu sem deixar de estar presente na terra.

Na síntse das quatro poderosas colunas da Paz, quer parecer-nos que a última: *na liberdade*, será aquela que dará o próprio clima, que permanecerá o próprio ar para que as outras possam subsistir e respirar, será por isso também a mais difícil de ser construida, a mais delicada, a mais vulnerável aos ataques, às destruições de um mundo brutalizado e que, por isso mesmo, fàcilmente nega o que é fundamentalmente humano enquanto enraizado no racional e no espiritual. A liberdade continua a ser o grande problema do mundo moderno, dominado pelo idolo totalitário do estado que insiste em construir na terra, a qualquer preço, o paraízo tecnológico da eficiência. Foi esta resposta brutal do homem do naturalismo às travessuras inconseqüentes, irresponsáveis e imaturas do liberalismo, da trêfega "liberté" dos jmpetos revolucionários de 1789.

Hoje, o homem, digno dêste nome, sente que o bem mais precioso a defender com urgência e vigilância inquebrantável é o bem da liberdade, clima insubstituível para qualquer outra edificação. O desprêzo pela liberdade provêm do desprezo pela razão humana, provem do desprezo pela definição clássica do homem. Bernanos nos diz que a civilização francesa — poderia dizer a civilização clássica ou cristã — "edificou-se na base de uma determinada definição do homem, comum a todos os pensadores, crentes ou incréus, a do homem como ser racional e livre. Era esta liberdade do homem, esta solidariedade absoluta entre a razão e a liberdade que dava à pessoa humana seu caráter sagrado. Pois bem, — diz Bernanos — o mundo no qual iremos entrar — talvez estejamos nêle, mas a porta ainda não se fechou atrás de nós — não conhece a espécie de homem a que me referi."

Certamente nos aparecerá logo algum jovem estudante de sociologia com seu belo arcabouço de formação histórica haurida nos livros fabricados em série para uso específico de conscientização dirigida das massas e nos dirá que nunca houve homem livre porque sempre houve a opressão das classes privilegiadas. Que é difícil que haja homem livre, totalmente livre, bem o sabemos. Desde o pecado original é assim. Por isso, o santo é aquêle que mais se aproxima da liberdade, conquista passo a passo esta liberdade dos filhos de Deus, renunciando a tudo, ao mundo e a si mesmo, para ser dono de si mesmo naquele que o é verdadeiramente, por amor à liberdade de ser de Deus. Bem sabemos que oprimidos os houve em todos os tempos, mas que deram seu sangue pela liberdade, pagaram o preço supremo para que seus filhos não o fôssem mais. Bem sabemos que mesmo hoje, entre nós, não faltam aquêles, como os viu e nos conta o mesmo Bernanos, para os quais "a fome crônica lhes parece

como que um tributo natural da liberdade" e êles o pagam. Seria melhor e mais justo não ter que pagar tal tributo, como seria melhor não precisar dar a vida para conservar ou conquistar aquilo que é devido por justiça. Êstes que são os escravos segundo os sociólogos comunizantes, são precisamente os que mais valorizam a pouca liberdade que possuem porque sabem o quanto ela custa e estão dispostos a pagar o preço, sem arruaças, sem os gritos histéricos e inconseqüentes de revolução. Nestes ainda se realiza a definição de homem, ser racional e livre. Onde ela mais dificilmente se realiza é naqueles que optam pela arruaça não precisamente porque queiram pagar qualquer preço pela liberdade que os dignifica mas porque querem receber o preço de sua liberdade vendida, querem àvidamente encontrar quem lhes pague um prato de lentilhas pelo bem que aprenderam a não estimar, com o freqüentar dos anacrônicos repetidores de marxismo.

É aí que reside a diferença enorme entre um e outro conceito de homem e de sociedade. A crise do homem de hoje é a crise da liberdade, enquanto o totalitarismo a esmagou numa metade do mundo e enquanto essa crise tenta corroer internamente a outra metade com as fôrças da eficiência material com a maquinária colossal da propaganda que distila dia e noite o veneno da mentira sob a forma de "slogans" que substituem o raciocínio que persuade, que substituem, pela repetição mecânica, a convicção racional e livre que gera os mártires e os santos. Comenta, com razão, Bernanos: "Não nos encontramos em presença de uma crise política ou social, mas de uma crise de civilização" em que, a rigor, nem se pode opor democracias e ditaduras por que em ambas a crise se manifesta, ainda que de modo e em grau bem diverso. "Sim, tempo virá, se não tomarmos cuidado, continua o romancista francês, em que a pretensão de um homem a pensar livremente parecerá não menos absurda que a de um mecânio se esforçando para fabricar, com suas mãos, automóveis, visando fazer concorrência a Ford. É isso pela mesma razão. Pois o pensamento livre custa já bastante caro e em certos países nem tem prêço, custa o preço da vida". Todos sabemos, com maior ou menor precisão, o quanto custa a liberdade em uma metade do assim chamado mundo civilizado, variando também êsse preço conforme o tipo de liberdade a que se pretende ter direito. É João XXIII quem nos deixa entrever isso, em um trecho de discurso mais antigo. Dizia o Papa em 25 de Janeiro de 1959, festa da conversão de S. Paulo: "Podeis avaliar a nossa dor, que se tornou mais aguda do momento em que, não obstante nossa indignidade, fomos colocados sôbre esta altura da qual é permitido, ainda que com alguma dificuldade, percorrer mais vastos horizontes tintos de sangue pelo sacrifício imposto a muitos por causa da liberdade, seja ela a liberdade de pensamento, de atividade cívica e social e com especial ferocidade no caso da liberdade da profissão da própria fé religiosa". Se as nações chegam, com efeito, a êste ponto em que é preciso dar a vida pela liberdade, dar o sangue para viver com dignidade, em muitos casos será preciso saber se antes de chegar a tal ponto não houve um culpável e criminoso desprêso pela liberdade que à maneira dos grandes bens, como

a saúde, só é apreciada em seu valor quando vem a faltar. É ainda aqui Bernanos que nos adverte do perigo que corremos, nós que ainda gozamos da liberdade, mas não sabemos ao certo até que ponto já não estaremos intoxicados pela guerra química da propaganda dos que diabòlicamente trabalham, dia e noite, para que a humanidade aliene totalmente o seu precioso bem que nos foi reconquistado pela verdade do Cristo, pela verdade que liberta. Diz o pensador francês explicando o título de seu livro "Liberté pour quoi faire ?" É sem dúvida um belo título, eu o confesso, tanto mais à vontade porque não fui eu que o inventei, "La liberté pour quoi faire?", trata-se, como todos sabem, de uma frase célebre de Lenine e exprime com um brilho e uma lucidez terriveis esta espécie de desafeição cínica pela liberdade, que já corrompeu tantas consciências. A pior ameaça que pode sofrer a liberdade não é que se possa ficar sem ela, — pois aquêle que a deixou escapar, poderá sempre reconquistá-la — (acrescentamos: ainda que seja pagando o preço da própria vida) — a pior ameaça que pesa sôbre ela é que desaprendamos a amá-la ou que a não compreendamos mais". "Pour quoi faire ?" aí esta para Bernanos o grande perigo e nós o sentimos com enorme premência e realismo quando vemos que a parte do mundo que ainda goza da liberdade é, aos poucos, amortecida no amor a êsse bem, é anestesiada de modo a não mais sentir, com tôda a veemência devida o absurdo das nações que se apresentam desavergonhadamente diante do mundo, negando a liberdade de pensamento, de religião, de escolha, de locomoção, cercada por uma cortina de ferro ou dividindo uma cidade por um muro intransponível de vergonha e abjeção.

À fôrça de propaganda, de slogans, de cosmonautas aos pares que realizam o supremo paradoxo de darem inúmeras voltas em torno da terra mas não poderem livre e anonimamente darem uma voltinha turística pelas ruas da Europa, pelas ladeiras da Itabira ou pelas fontes de Caxambu, à fôrça de lavagem de crânio da propaganda do irracional, o homem de nossos dias corre o imenso risco de não mais reconhecer e de não mais amar o bem a que tem direito e do qual terá que dar contas a Deus de como o usou, como o apreciou e o guardou, isto é, o bem da liberdade.

Na doutrina de João XXIII aparece freqüentemente êste apêlo à luta pela liberdade contra aquêles que fazem dêsse bem uma erva daninha que deve ser estirpada para que se instaure, a qualquer preço, a ordem da eficiência tecnológica a serviço da revolução.

"O amor da liberdade possui raízes nìtidamente cristãs"; "não é possível, separar o nome da liberdade do nome de Deus que é seu insubstituível fundamento. A verdadeira liberdade é dom do Senhor e só floresce e prospera onde sopra o seu Espírito". "Todo desvio, na história dos diversos povos, sôbre êsse ponto da liberdade, resulta de fato, de contradição, às vêzes mais ou menos velada, outras vêzes, audaciosamente violenta, com os princípios do Evangelho". Ou então como diz com clareza bem nítida na tão comentada "Pacem in terris": "há regimes políticos que não asseguram às diversas pessoas individuais, uma

suficiente esfera de liberdade, dentro da qual seja permitido ao seu espírito respirar com ritmo humano; muito ao contrário, nesses regimes é posta em discussão ou abertamente negada a legitimidade da própria existência dessa esfera." Num plano mais amplo de relações internacionais, vigora o mesmo princípio da liberdade: "as relações mútuas entre as comunidades políticas se devem reger pelo critério da liberdade. Isso quer dizer que nenhuma nação tem o direito de exercer qualquer opressão injusta sôbre outras, nem de interferir indevidamente nos seus negócios. Tôdas, pelo contrário, devem contribuir para desenvolver nas outras o senso de responsabilidade, o espírito de iniciativa e o empenho em tornar-se protagonistas do próprio desenvolvimento em todos os campos." Eis, segundo João XXIII, a liberdade a serviço da verdade, da justiça, da caridade, na grande e imensa construção da Paz entre os homens.

(Transmissão de 6.7.1963)

## INTERLÚDIO SÔBRE A LIBERDADE: PASTERNAK

Os princípios fundamentais para a construção do grande edifício da Paz mundial, segundo o ensinamento do Papa João XXIII incluem como elemento indispensável o clima de liberdade que deve reinar na sociedade para que seus membros possam respirar num ritmo humano. É o ambiente absolutamente necessário para que possa vicejar a justiça e ainda mais a verdade. Há dias, dizia o Presidente dos EE.UU. em um discurso que nada tem de violento e que pode ser considerado simpático para com o adversário, dizia contudo: "é desencorajante pensar que os dirigentes do referido País (a URSS) possam verdadeiramente acreditar naquilo que seus propagandistas escrevem contìnuamente. Fica-se deprimido no constatar a amplidão da fossa que nos separa . . . Como americanos, constatamos que o comunismo é a negação mesma da liberdade pessoal e da dignidade, o que não impede que admiremos o povo russo por suas numerosas realizações, etc." Já alguém me diria que essas palavras são apenas expressão da agressividade imperialista, inimiga da paz. Não precisaria entretanto ser um americano, nem o Presidente dos americanos para constatar tal realidade. Poderia ser um homem qualquer que ainda mereça tal nome, poderia mesmo ser um russo, como ser pensante; ou poderia mesmo ser um russo que admirou a revolução mas que conservou sua liberdade interior como um Boris Pasternak que se tornou anos atrás, conhecido de todo o mundo, como um símbolo da mesma liberdade, florescendo em meio ao pântano. O caso e as memórias, e as idéias de Pasternak continuam a ser comentados hoje e chamamos a atenção para o magnífico ensaio e depoimento a respeito, da autoria do monge e escritor Thomas Merton que se correspondia com Pasternak e o acompanhou, de longe, em suas vicissitudes. Diz-nos Merton em seu ensaio: O Caso Pasternak publicado recentemente entre nós no livro "Questões abertas" — editôra AGIR.

*"Pasternak representa, em primeiro plano, os grandes valores espirituais que correm perigo em nosso mundo materializado. Representa a liberdade e a nobreza do indivíduo, do homem à imagem de Deus, do homem em quem faz Deus sua morada. Para Pasternack, a pessoa está e deve permanecer, acima da coletividade. Pasternak defende a atitude leal, corajosa e independente da própria consciência, a recusa a aceitar slogans e raciocínios impostos à fôrça. Pasternak luta pela verdadeira liberdade do homem, por seu verdadeiro ideal construtivo, contra o falso e vazio humanismo marxista — para o qual o homem, em realidade, ainda não existe. Acima e além do linguajar técnico e do vazio cientificismo do homem moderno, Pasternak coloca o simbólismo criador, o poder da imaginação e da intuição, a glória da liturgia e o fogo da contemplação. Êle o faz porém, com palavras novas e de um modo nôvo. Eleva a voz em favor de tudo aquilo que há de mais são e permanentemente vital na tradição religiosa e cultural e é a voz de um homem de nossa época.*

*É precisamente isso que o torna perigoso aos olhos dos marxistas, razão porque os mais inteligentes e severos críticos pró-soviéticos têm feito todo o possível para provar que DR. ZHIVAGO nada mais é do que uma última e desesperada exploração de romantismo individualista — uma voz do passado morto."* (*Questões Abertas p.* 468).

Segue-se uma ordenada e informada exposição de Merton sôbre a vida e a obra de Pasternak explicando sua obra poética e em prosa e como decorria sua vida de pensador e escritor através dos tenebrosos anos do regime totalitário, escapando inexplicàvelmente das perseguições e da morte até que seu livro Dr. Zhivago foi proibido de ser impresso na Rússia; segue-se então a publicação no estrangeiro, o prêmio Nobel, a recusa do mesmo por Pasternak que já então era expulso de tôdas as associações de escritores russos e apresentado na Rússia como o "porco que suja onde dorme e onde come, o autor de uma obra imunda, que odeia o povo russo". Pouco depois morria Pasternack.

Em dado momento do estudo de Merton, lê-se:

*"Pasternak foi moralmente obrigado a recusar o Prêmio Nobel para poder permanecer na Rússia. A objeção principal (do pensamento oficial russo contra Pasternak) não está baseada nos trechos em que o marxismo é explicitamente condenado, pois êsses são relativamente pouco numerosos e poderiam ter sido eliminados. Todo o mal do livro, do ponto-de-vista soviético, é algo "que nem os editores nem o autor podem mudar por meio de cortes ou de revisão."... é o espírito do romance, o tom com que é escrito, a mentalidade do autor em relação à vida em geral. ...Uma coletividade que reduz seus membros ao nível de objetos alienados está condenando, tanto os membros como a si mesma, a uma existência inútil e estéril, a que nenhuma quantidade de discursos e desfiles poderão dar sentido. Para Pasternak, a grande tragédia da Revolução foi o fato de os melhores homens da Rússia se submeterem ao desvario da massa cedendo à autoridade do gigante, o Estado opressor.*

*"A principal desgraça, a raiz de todo o mal que se seguiu foi a falta de confiança de cada um no valor da própria opinião. Imaginava-se estar fora de moda seguir cada um o seu próprio senso de moralidade, que deviam todos cantar em côro e se nortear pela opinião alheia; opinião que era empurrada, garganta abaixo em todos... O mal social se tornou uma edipemia. Era contagioso, tudo afetava, coisa alguma lhe escapou. Nosso próprio lar foi também infetado... Em lugar de sermos naturais e espontâneos como sempre havíamos sido, começamos a ser estùpidamente pomposos uns com os outros... Descobrimos, na prática, que aquilo que êles designam como idéias nada mais é senão um amontoado de palavras — aplausos em louvor da Revolução e do regime..."* (*Dr. Zhivago, pp.* 404 *e* 407).

*Como Dostoievsky, Pasternak afirma que o futuro do homem depende de sua capacidade de se livrar... dos que lhe prometem a felicidade à custa de sua liberdade* (*Questões Abertas, p.* 67s)

Com esta frase de Merton, fica-nos a grande lição da luta pela liberdade que em outros termos é exigida de nós pela doutrina serena e confiante de João XXIII.

Precisamos da liberdade para que a verdade seja descoberta, proclamada e vivida mas é a Verdade que afinal nos libertará.

(Transmissão de 13.7.1963)

## A MENTIRA APRESENTA SEU PAI

É no mesmo texto evangélico em que a palavra do Cristo nos adverte: "Não julgueis para que não sejais julgados. Pois na medida com que julgardes, sereis também julgados." É neste mesmo texto do capítulo 7.º de S. Mateus em que somos advertidos de mantermos para com nosso próximo uma atitude de isenção, uma atitude quase de misterioso silêncio interior diante do mal que possamos vir a descobrir nêle, é nesse mesmo capítulo que nos é ensinado como reconhecer o mal, identificá-lo, para não cairmos como sua prêsa passiva e indefesa. "Acautelai-vos contra os falsos profetas, que vêm a vós com roupa de ovelhas e por dentro são lobos ferozes. Pelos seus frutos — assim como se conhece que uma árvore é boa ou má — os reconhecereis. Colhem-se, porventura, uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos? Com efeito, tôda árvore boa dá bons frutos e a árvore má dá maus frutos. Não pode uma árvore boa dar frutos maus, nem uma árvore má dar bons frutos. Tôda árvore que não dá bom fruto é cortada e lançada ao fogo. Pelos seus frutos, portanto, vós os conhecereis. Nem todo o que me diz: "Senhor, Senhor' entrará no reino do céu, mas sòmente aquêle que faz a vontade de meu Pai que está no céu." O que ressalta imediatamente dessas palavras de sabedoria é o vigor com que se afirma êsse princípio de identidade absoluta entre

o bom que fará necessàriamente o bem e o mau que produzirá sem exceção o mal, princípio que, se admissível de modo geral entre as coisas materiais e nas ações físicas, é evidentemente inverossímel nas ações morais. Serei eu, perguntará alguém, bom ou mau? Se sou bom, serei como árvore boa e farei sempre o bem; se sou mau, serei como o espinheiro e produzirei sempre espinhos? Seria essa uma conclusão totalmente falsa que, no entanto, poderia parecer decorrer das palavras do Cristo quando fala das árvores e de seus frutos bons e maus. O Evangelho quer contudo ir bem mais longe. Quer referir-se a dois espíritos, a dois princípios, a dois principados. O espírito do bem, o espírito que é o bem, que é a própria Bondade e do qual só se pode esperar o Bem É Deus que, só Êle é bom, do qual deriva todo o Bem e tôda a Bondade. Se Êle assiste a existência do mal é porque não pode impedir o nada; já que quis que o ser exista não pode impedir, por assim dizer, que se faça do bem um mal, Êle que é capaz de, mesmo do mal, tirar um bem e mesmo muitos bens. Poderá essa árvore dar maus frutos? Jamais. Mas há um outro espírito, um outro princípio de ação ou melhor de negação, de aniqülamento, que é mesmo um principado, um príncipe decaido, um príncipe das trevas. Foi criado para o Bem, mas optou definitivamente pelo "seu" bem, negando, diminuindo, aniqüilando o Bem mesmo absoluto. Êste Bem eterno não podendo ser vulnerado em si mesmo, é atingido contudo no que poderia ter planejado para o próprio espírito criado que preferiu o nada de sua criatura ao tudo de seu criador, que se tornou um príncipe das trevas, príncipe do nada, pois só o nada êle poderá fazer por si mesmo. Esta árvore não poderá dar bons frutos, ela é má e ficará sempre má, sua opção foi única e definitiva, seus frutos serão sempre maus, espinhos, angústias, trevas, destruição, ódio, mentira e morte. A perdição chama por perdição, o abismo atraí o abismo, o ódio gera o ódio e a morte semeia a morte.

Entre essas duas árvores, do bem e do mal, da vida e da morte, passarão aquêles que se deixarão atrair pelos seus frutos; frutos da vida, frutos da morte. São aquêles que escolhem lentamente seu destino, aquêles espíritos encarnados que, com a sutileza do espírito levam a lentidão da carne, que repetem seus atos, que ora se inclinam para o bem, ora pagam seu tributo às trevas, aquêles que Deus atrai; que Deus chama, que Deus move pela graça, e que felizes são quando terminam entregando ao Bem todo o bem que lhes pertence. Não é dêsse drama da escolha, da opção, da perseverança, da conversão ou da apostasia, não é dêsse drama vivido em intensidade de vida e de morte pelos sêres humanos, um por um, quem quer que êle seja, seja qual fôr sua cultura, sua pátria, sua era; não é desse drama dos dois caminhos, dos dois espíritos, das duas árvores que se colocam diante de todos os homens, que o Evangelho nos quer falar hoje.

Êle nos fala de algo que tem ares de uma terceira possibilidade nessa encruzilhada de caminhos, mas que não passa afinal de uma mistificação, de um engano: é o mal travestido de bem, é o veneno com sabor de maçã, é o espinho coberto de tênue polpa, o Evangelho é mais rude e

concreto: é o lobo com vestes de cordeiro. Aqui está realmente o ponto sutil que interessa a todos os homens e por isso a palavra evangélica começa advertindo: "acautelai-vos". Sim, é porque o espinho nunca se apresenta como espinho, o mal nunca diz: "sou o mal, vem comigo", êle dirá no máximo, dizem que sou mal mas vejam sou até bem bom, o mal, de que falam alguns, não existe. O diabo nunca dirá que é o diabo, seu maior ardil, como já foi dito, consistirá mesmo em persuadir e fazer crer que o diabo não existe, assim o lobo não se apresentará como lobo mas dirá que é um manso cordeiro. Com tudo isso o príncipe das trevas mostra apenas que é o Pai da mentira e que a mentira leva à perdição em nome da vida. O Evangelho dos bons frutos e dos espinheiros, da árvore boa e da árvore má, quer, de fato, nos falar da mentira, do embuste, da impostura que campeia no mundo em todos os quadrantes, em todos os gabaritos. A mentira enfrentou mesmo a Jesús e ficamos conhecendo sua abominável genealogia ou ao menos sua filiação, através das palavras do Cristo naquela sua discussão com os judeus conforme nos é narrado por S. João. Num dado momento diz Jesús aos judeus que alegam ter um só pai: Deus. Diz-lhes: "Se Deus fôsse vosso pai, certamente amarieis a mim, pois eu saí e vim de Deus. Não vim de mim mesmo mas êle me enviou. Por que não compreendeis minha linguagem? Certamente porque não podeis ouvir minha palavra. Tendes o demônio por pai e quereis cumprir os desejos de vosso pai. Êle foi homicida desde o princípio. Não permaneceu na verdade, porque nêle não há verdade. Quando profere a mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira. Mas eu, porque vos digo a verdade não me acreditais." (Jo. 8, 42-45).

Aí está a explicação fundamental dêsse evangelho do lobo com veste de cordeiro. O lobo dirá sempre que é filho de Deus, que quer o bem, que quer salvar; saberá denunciar, à sua maneira, os males do mundo, os pecados da humanidade, é assim que êle engana os incautos. Mente. Mente porque é inspirado pelo pai da mentira que mentiu desde o início. No momento, porém, da passagem à ação, revela-se a mentira porque sua ação é o mal, é a destruição, é o ódio, é a revolução. a árvore dá o seu fruto, o único fruto que poderia dar. Por isso o nosso evangelho manda olhar para os frutos, manda olhar para a ação e termina com as palavras decisivas que desmascaram o fariseu, o impostor, os falsos salvadores, os mentirosos: "Não é o que diz: Senhor, Senhor, que entrará no reino do céu, mas sòmente aquêle que faz a vontade de meu Pai que está no céu". É no agir que a verdade se revela. Êsse agir é um obedecer à palavra do Pai: A palavra do Pai é a verdade, é mandamento da mútua santificação, da mútua salvação, do amai-vos, do perdoai-vos, do dai a vida pelo vosso próximo, do amar a qualquer preço, do amar os próprios inimigos. Quando as palavras, Senhor, Senhor são proferidas com soluços de sentimento, com reqüintes de sensibilidade, vêm acompanhadas porém da pregação do ódio, do sangue fraterno derramado, do menosprêzo à liberdade, então já sabemos que o lobo é lobo mesmo e que o Senhor que êle invoca é o Senhor seu pro-

genitor, o pai da mentira, apenas êsse. O assunto dêsse Evangelho nos faz, portanto, naturalmente recordar que a Encíclica "Pacem in terris" quer discorrer sôbre a Paz de todos os povos fundada nas quatro colunas mestras da verdade, justiça, caridade e liberdade. A verdade vem citada como a primeira das colunas. Cristo é a verdade e o príncipe dêste mundo é o Pai da Mentira.

(Transmissão de 20-7-1963)

## PAULO VI, NOVO PEDRO

A grande e popular festa dos Santos Apóstolos, S. Pedro e S. Paulo, a festa do "Tu es Petrus", da pedra angular do cristianismo, enquanto uma instituição do céu que está bem plantada na terra, reveste-se de um caráter especial neste ano de 1963 por estarmos vivendo nestes dias as primícias do govêrno de um nôvo Papa, de um nôvo Pedro, que é também um nôvo Paulo. A Liturgia, ao lançar no dia santo de hoje, diante do mundo, as palavras inspiradas de Pedro proclamando Cristo como Filho de Deus e a resposta do Cristo dizendo ao Apóstolo: "Tu es Petrus", isto é, tu és pedra e sôbre essa pedra edificarei minha Igreja, não pode deixar de ser ouvida como uma proclamação nova que soa em todo o mundo. É apenas isso; há um nôvo Pedro e as palavras do Cristo estão mais vivas, se possível, do que quando êle as pronunciou e que a edificação do Corpo do Cristo na massa dos fiéis que nêle são batizados é uma edificação que parte cada dia, que renasce cada dia, com o vigor do primeiro momento, direi mesmo com um vigor que não deixa de crescer século por século, ainda que nem sempre a nitidez dêsse crescimento seja perfeitamente visível aos olhos humanos. Êstes são bem mais sensíveis às fraquezas, aos recuos, às perdas materiais que são mais que sinais de cansaço e de derrota, os sinais de uma caminhada que prossegue em profundidade e também em extensão, mas atingindo campos que por sua interioridade não nos é dado sempre perceber, confrontar, avaliar.

Há uma alegria, um entusiasmo, um revigoramento ao sentirmos que a rocha de Pedro se renova, que dela brota o mel de renovada doçura, que da pedra flui para dar aos homens um renovado sabor de viver. "Tu és Petrus" — E surge um nôvo Papa, sucessor de Pedro, que se levanta diante de todo o mundo, que é capaz de falar a todo o universo como quem fala aos que são seus, que é capaz de ser ouvido pelo universo inteiro, ouvido pelos homens de todo o mundo como alguém que lhes pertence, que não é o chefe de um estado, que não é o poderoso ditador de um bloco de satélites em tôrno do Leviatan, que tem um só título para falar a todos os homens e ser ouvido por todos como alguém que lhes pertence, como o Pai fala aos filhos, como o irmão fala aos irmãos, que é o título do amor, do amor do Cristo do qual o Papa é o arauto e é o portador, o doador ao mundo. Por isto o mesmo Cristo que diz a Pedro "Tu és Petrus", pergunta três vêzes ao apóstolo — "Pedro, tu me amas?" Senhor, sabes que te amo — apas-

centa então minhas ovelhas. O amor é o segrêdo da eterna juventude da instituição de Pedro como representante de Cristo na terra através dos tempos, porque é através de Pedro e de seus sucessores que Deus quis comunicar o amor aos homens, para que êles o amem e para que êles se amem.

Paulo VI nos fala dêsse amor, que é de Deus e que deve penetrar as coisas terrenas, as relações dos homens entre si na vida social, nas relações entre os povos.

Eis a palavra do nôvo Petrus que se chama Paulo VI:

## OS PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS

"O imperativo do amor do próximo, pedra viva do amor de Deus, exige de todos os homens uma solução mais equitativa dos problemas sociais, bem como medidas em favor dos países subdesenvolvidos, nos quais reina um nível de vida que, com freqüência, não é digna da pessoa humana. Aquêle imperativo impõe um estudo pleno de boa vontade, realizado em escala mundial, para melhorar estas condições de vida.

A nova época, aberta à humanidade pelas conquistas espaciais, será bendita pelo senhor se os homens souberem reconhecer que são irmãos entre si, antes de serem competidores mútuos, e se souberem edificar a ordem no mundo, no temor de Deus e no respeito de sua lei: na luz da caridade e da colaboração de todos".

## O FRUTO DESSA CARIDADE É A PAZ

"Nossa obra, com a ajuda de Deus, terá por objetivo lograr, vigorosamente, a manutenção do grande bem da paz entre os povos. Paz que não é apenas a ausência de rivalidades guerreiras ou de facções armadas, mas um reflexo da ordem querida por Deus, Criador e Redentor, vontade construtiva e temas de compreensão e de fraternidade, manifestação de tôda prova de boa vontade, desejo incessante de concórdia inspirada pelo bem verdadeiro da humanidade, com uma caridade não dissimulada (2 Co. 6,6).

Neste momento, em que tôda a humanidade volta a vista para esta cátedra de verdade e para aquêle que foi chamado para representar o Divino Salvador na terra, não podemos mais do que renovar o apêlo em favor do entendimento leal, franco cheio de boa vontade, que possa unir os homens no respeito reciproco e sincero, o convite a fazer todos os esforços para salvar a humanidade, para favorecer o desenvolvimento pacífico dos direitos que Deus lhe deu, e facilitar sua vida espiritual e religiosa a fim de levá-la à adoração mais viva e sentida do Criador".

Não faltam sinais alentadores que nos vêm dos homens de boa vontade. Por isso agradecemos muito ao Senhor, enquanto que oferecemos a todos nossa serena porém firme colaboração para a manutenção do grande dom da paz no mundo".

É apenas na qualidade de vigário de Cristo na terra que êste homem pode falar a todos os homens, como conviria que um homem pudesse falar aos outros homens. E êle fala a todos, êle fala como irmão e como Pai, mesmo àquêles que talvez o considerem como seu inimigo. Para Deus, como para um Pai não há filhos que possam ser inimigos, também não os há para aquêle que é a rocha sôbre a qual Cristo quis edificar.

Fala com clareza, com segurança, com serenidade, com esperança, com confiança plena, aos que precisam da Paz, da Verdade, da Justiça e julgam, contudo, não ser necessária a Liberdade:

"Queremos, em particular, que os irmãos e os filhos das regiões nas quais a Igreja não pode exercer seus direitos, nos sintam muito perto dêles. Foram chamados a participar de mais perto na Cruz de Cristo, à qual — estamos seguros sucederá a alvorada radiante da ressurreição. Poderão assim recobrar lentamente o pleno exercício do seu ministério pastoral, o qual, pela sua própria instituição, é exercido não apenas em benefício das almas, como também das nações em que vivem.

Paulo VI com a fé de quem recebeu a palavra do Cristo, de quem a tem viva e presente: Tu es Petrus, sôbre essa pedra edificarei minha Igreja dar-te-ei as chaves; as portas do inferno não prevalecerão sôbre ela.

Transmissão de 29-6-1963)

## A COROAÇÃO NO 4.º DOMINGO DEPOIS PENTECOSTES

A cerimônia da Coroação do Sumo Pontifíce, Paulo VI, que significa sua solene e pública tomada de posse do supremo poder, que já possui; por fôrça da eleição e da aceitação da mesma, a coroação de Paulo VI com sua benção Urbi et Orbi — para a Cidade De Roma e para o orbe — terá lugar no domingo de amanhã na Praça e na Basílica de S. Pedro. Foi escolhido o domingo por ser o dia 30 em que, depois da festa dos Apóstolos Pedro e Paulo que é absorvida pela figura de Pedro, se comemora especialmente S. Paulo, Padroeiro do Nôvo Papa. Na liturgia universal contudo, celebra-se amanhã não a comemoração de S. Paulo mas o 4.º Domingo depois de Pentecostes que nos fornece textos magníficos sôbre a figura do Apóstolo Pedro no Evangelho e sôbre a missão do apostolado na carta de S. Paulo aos cristãos de Roma, justamente aos de Roma.

"Os sofrimentos desta vida nada são em comparação com a glória na qual resplandeceremos um dia. Tôda a criação está nesta espectativa de esperança. Ela espera que se manifeste a glória para os filhos de Deus. Pois, se a criação está a serviço do mal é contra sua própria tendência, foi porque Deus a submeteu ao homem, e êste decaiu. Mas ela conservou a esperança, será libertada da corrupção para partilhar da esplêndida liberdade dos filhos de Deus. Até que venha êste dia, tôda criatura geme, sofre mas são sofrimentos que desabrocharão numa nova

vida. O Apóstolo é precisamente aquêle que anuncia a todos os homens esta nova vida que não tem comparação com a atual e na qual está ancorada nossa esperança.

O apóstolo por sua fé, por sua pregação, por sua ação confirma os homens nessa esperança da futura glória, não deixa que êles desesperem, não deixa que esta chama de desejo da vida futura e verdadeira vida, bruxoleie e se apague em seus corações humanos. Sobretudo para isso deve-estar voltada a pregação do apóstolo em nossos dias, despertar a atenção, a vontade dos homens para que não se deixem conformar e saciar com as coisas dêste século, como os que não têm esperança. Para uma humanidade cujo ideal é ficar cada vez menos sujeita às penas e dificuldades desta vida, há o perigo de que passe a não mais desejar a glória da vida futura. Seria êste o maior embuste a que poderia estar sujeito o homem, engano tão grande ou maior que o primeiro, o da serpente no paraíso. Os homens realmente fingem encontrar a felicidade nos bens terrenos, é a atitude de compensação que êles assumem; muitos encobrem a decepção de ter pago tão grande preço por tão pouco, dando-se por satisfeitos com sua felicidade terrena. O Cristo e seu Apóstolo despertam o homem, advertem-no contra esta ilusão. Fazem-no esperar pela Vida e como realmente a imensa maioria dos homens está sequiosa de verdadeira vida e de verdade e de amor, a Voz do Cristo é ouvida, é bebida, às vêzes mesmo às escondidas, disfarçadamente, por uma humanidade que a ouve através de seu representante. Êste, é Pedro, seus sucessores seus colaboradores. Êste é Pedro—"Tu es Petrus", pois foi na barca de Pedro que Jesus um dia embarcou, nas margens do lago de Genesaré, como nos conta o Evangelho de amanhã, para ensinar ao mesmo Pedro como fazer as grandes pescarias do reino dos céus. Jesús está cercado pelo povo, nas margens do lago, quando vê duas barcas encostadas, enquanto os pescadores limpavam as redes. Sobe em uma delas que é a a de Simão Pedro a quem pede que se afaste para a pesca. "Mestre, trabalhamos a noite inteira sem nada conseguir mas já que o mandas, jogarei as redes". Foi tal a quantidade de peixes que logo começou a encher-lhe as redes que estas começavam a romper-se. Chama companheiros de outra barca para ajudá-lo e as duas barcas ficaram cheias de peixes. Vendo isto, Pedro caiu aos pés de Jesus dizendo: "Afasta-te de mim, Senhor, pois, sou um pecador". Esta pesca, com efeito, que acabavam de fazer enchia-o de confusão, a êle e a todos que com êle se encontravam. Mas Jesús disse a Simão Pedro: Não temas, de agora em diante será aos homens que irás pescar. Arrastaram suas barcas para terra e, deixando tudo, êles o seguiram".

A grande pesca dos homens para a qual Cristo chamou a Pedro e seus companheiros vive amanhã um de seus grandes dias. Temos diante de nós uma espécie de pesca maravilhosa realizada pelo Cristo através de João XXIII. O lago tantas vêzes hostil e ameaçador em suas tempestades, o lago no qual tantas vêzes as redes foram lançadas inùtilmente, no qual tanto trabalho pareceu vão e ineficaz, é o mundo que nos cerca. Aquilo que hoje já se começa a chamar o milagre de João XXIII é o

de atrair tantos homens, tantos povos, ao simples aceno da bondade, da compreensão, do que é natural à condição humana em sua dignidade intrinseca. Êste o milagre de peixes. Parte-se hoje para o milagre dos homens, para a pesca dos homens, não para que os homens sejam pescados, mas para que os homens arrebatem para si o Reino dos Céus. É para êste imenso empreendimento sobrenatural, que não poderá deixar de ter as mais auspiciosas ressonâncias na cidade terrena, na terra dos homens, que Paulo VI, amanhã, solenemente coroado como vigário de Cristo e como sucessor de Pedro, como o nôvo Pedro da pesca dos peixes e dos homens, nos convida, nos exorta, nos instrui e nos conduz, "in nomine Domini" — em nome do Senhor. Deixemos nas margens as barcas de nossas superadas considerações e preocupações e sigamo-lo para a grande pesca do Reino dos Céus.

Transmissão de 29-6-1963)

## A MISSÃO DA IGREJA NA PALAVRA DE PAULO VI

Não é tarde demais para relembrar as magníficas palavras de Paulo VI dirigidas em grandiosa audiência concedida ao Conselho Episcopal Latino-Americano e à Pontifícia Comissão de auxílio espiritual à América Latina a 10 de julho passado. Começou Paulo VI lembrando a solicitude do Pastor que partiu, João XXIII, amor e solicitude, pela América, a ponto de, próximo do fim, depois de ter recebido o Santo Viático que o encaminharia à pátria celeste, repetir muitas vêzes em oração: "Ó, o grande trabalho pela América Latina!" Em dado momento de seu discurso, diz o Papa Montini: "É supérfluo recordar: êste é o problema mais angustiante. Pensar nas principais metrópoles sul americanas, em tôrno ás quais se aglomeram milhões de sêres humanos, que acorrem do interior à procura de melhor fortuna, e não poder destinar à sua assistência espiritual senão um número por demais restrito de sacerdotes. Vêm-nos à lembrança as mais vastas cidades do Brasil, Rio de Janeiro e São Paulo, que visitamos pessoalmente há três anos atrás — é coisa que enche o coração de amargor, de ánsias e de vivíssimas preocupações e que relembra o doce lamento do Senhor: "Messis quidem multa, operarii autem pauci" (Luc. 10,2). "A colheita é grande, os operários poucos".

A missão da Igreja, continuou o Papa, é essencialmente religiosa, é comunicação de graça e consiste no prolongar a vida de Cristo no mundo, no fazer a humanidade participante dos mistérios do Cristo, na Encarnação e Redenção. Tudo isso acontece por obra do ministério sacerdotal. De onde a necessidade de intensificar a ação pastoral pròpriamente dita, de escolher os meios mais apropriados para alargar o o raio de influência dessa ação, de forma a que atinja tôdas as camadas da sociedade.

Quanto mais profunda se tornar esta ação, tanto mais intensos serão os benéficos reflexos que ela não deixará de fazer sentir também em outros setores da atividade humana.

Se, com o efeito, a missão da Igreja não é diretamente nem política nem social, nem econômica, nada, entretanto, existirá de estranho para o Sacerdote que compreendeu bem o valor e a extensão do seu ministério que é o de em tudo infundir o Espírito de Cristo.

"O misereor super "turbam" (Marc. 8,2) "tenho pena da multidão" do Divino Salvador tornar-se-á parte do programa de trabalho do Sacerdote, o qual não ficará indiferente, insensível ou inoperante diante dos irmãos que sofrem mas, como bom Samaritano, saberá debruçar-se sôbre êles e compreender seus problemas. E assim também a ação social, bem compreendida, encontrará o lugar que lhe compete entre os deveres do Sacerdote: será como uma extensão do ministério sacerdotal pròpriamente dito.

Estamos muito contentes de saber que Nossos Veneráveis Irmãos e diletos filhos da América Latina têm esta sensibilidade pastoral que lhes faz agir também sôbre os corpos para o bem das almas, sempre em vista do fim supremo do homem".

Para terminar, acrescenta Paulo VI em sua oração de 10 de Julho passado: "Sim, bem podemos prever a complexidade dessa emprêsa apostólica; bem sabemos o quanto sejam insuficientes Nossas fôrças para conduzí-las a bom têrmo; mas parece-nos ouvir junto ao ouvido, o ressoar das palavras prodigiosas de Jesus, hóspede da barca de Simão Pedro, no momento da pesca milagrosa: "Duc in altum et laxate retia vestra in capturam" "Caminhai para o alto e jogai vossas rêdes para a pesca" (Luc. 5,4). A exemplo de nossos veneráveis Predecessores, confiados em vossa fiel e multiforme colaboração, e seguros sobretudo da assistência do Senhor, ousamos aplicar a Nós mesmos e a esta presente condição da Igreja Católica no grande continente latino-americano as palavras divinas, segurando com mão temerosa mas firme o timão da celebrada barca, empurramo-la para o largo, para o oceano da história de hoje e de amanhã, para a nova vitória evangélica."

(Transmissão de 20.7.1963)

## OS MILAGRES E O MILAGRE DA RESSURREIÇÃO

### (XI.º DOMINGO DEPOIS DE PENTECOSTES)

Cada nôvo domingo do ano significa de fato uma renovação de Páscoa para o Cristão; é o dia da nova vida, é o dia da Ressurreição que se comemora, é o dia do Senhor, o dia senhorial, o "dominicalis dies" ou "dominica dies." É um dia Sagrado o Domingo porque relembra o que o Senhor Jesus realizou nesse dia: ressuscitou, venceu a morte, redimiu todos os homens dessa grande escravidão da morte e, mais que isso, abriu para êles as portas de uma nova vida, de uma vida diferente, de uma vida que está divinamente acima do que pode aspirar o homem com suas potencialidades naturais. Cada nôvo Domingo atualiza essas grandes realidades na vida de cada ser humano que crê, que acredita que alguém o criou e que alguém o espera em uma vida sem fim, sem ocaso. Atuali-

zando sacramentalmente estas realidades, cada nôvo domingo nos apresenta, para a leitura litúrgica, trechos da sabedoria divina, escritos pela mão de homens inspirados, reunidos no que se chama a Sagrada Escritura ou a Bíblia Sagrada.

No domingo de amanhã, 11.º depois de Pentecostes, lemos e somos convidados a meditar o trecho da carta que São Paulo, apóstolo, escreveu aos cristãos da cidade de Corinto, falando-lhes exatamente da Ressurreição que é um tema naturalmente dominical.

Escreve S. Paulo no cap. 15: "Chamo a vossa atenção, irmãos, para o Evangelho, para a boa nova que vos trouxe, o Evangelho que acolhestes e ao qual permaneceis fiéis. Por êle sereis salvos, se o conservardes tal como vo-lo preguei, de outra forma, que vos teria servido de ter acreditado nêle? Transmiti-vos antes de tudo — como ensinamento primordial — aquilo que eu mesmo recebi e aprendi: Cristo morreu por nossos pecados, conforme as Escrituras; foi sepultado e ressurgiu ao terceiro dia, sempre conforme as mesmas Escrituras, apareceu a Pedro e depois aos doze. Mais tarde, apareceu, de uma vez, a mais de quinhentos irmãos, dos quais a maior parte ainda vive hoje, outros já morreram. Depois apareceu a Tiago e em seguida a todos os apóstolos. Por fim, depois de todos, apareceu também a mim que não era mais que um feto morto. Também eu o vi, eu que sou realmente o menor dos apóstolos, que nem sou digno de ser chamado apóstolo, porque persegui a Igreja de Deus. Mas ùnicamente pela graça de Deus sou hoje o que a graça quis fazer de mim: sou o que sou. Não foi pouco o que esta graça operou em mim."

Assim termina ou melhor, se interrompe a leitura da carta aos Coríntios na Missa de amanhã. Digo, se interrompe, porque a narrativa evangélica que se segue é uma outra expressão da transformação que a graça de Deus realiza nos homens.

O milagre de Jesus ao atravessar o território de Decápole fazendo com que o surdo-mudo tivesse seus ouvidos abertos e sua língua para falar é para tôda a humanidade um sinal de libertação, um sinal de novos horizontes eternos que se abrem para suas vistas, se êle souber abrir seus ouvidos para as verdades eternas que o Cristo lhe veio trazer. É bom que se compreenda que quando Cristo opera um milagre dêsses e nós continuamos a ler tal narrativa durante séculos, o que se quer exprimir não é precisamente que o filho de Deus veio ao mundo para curar surdos-mudos. Se assim fôsse sua missão teria sido um imenso fracasso, e o filho de Deus não seria Deus. Seria uma imensa injustiça que curasse um surdo-mudo ou alguns leprosos quando milhões de outros surdos mudos e leprosos existiram no mundo em todos êsses séculos cristãos sem obter cura. Não, os milagres não existiram para o bem estar do miraculado. Lázaro ressuscitado acabou morrendo. Os milagres que existiram e existem realmente são sinais mínimos da fôrça de Deus capaz de nos ressuscitar a todos, não para essa vida natural, bem instalada, bem confortável, cercada de bem estar, mas para a vida sobrenatural da visão de Deus. Assim a cura do Evangelho encontra sua razão última, sua autêntica exegese, na Ressurreição, no mistério da vida eterna em Deus

que é a substância do Evangelho, da boa nova, como diz S. Paulo, na Epístola. O Evangelho portanto não existe em primeira linha para a cura dos surdos-mudos ou para o confôrto social, ou para a reforma agrária, ainda que tudo isso possa e deva constituir objeto de tôda a atenção e estudo, à procura de uma solução sábia. O Evangelho e quem o prega tem uma mensagem de vida eterna, de ressurreição, de cidadania numa outra pátria, a celeste, diante do que todo o resto tem o sabor de um prato de lentilhas.

(Transmitido a 17.8.1963)

## O AUXÍLIO QUE PEDIMOS A DEUS

### (XII.º DOMINGO DEPOIS DE PENTECOSTES)

"Deus in adiutorium meum intende. Domine ad adiuvandum me festina." É com estas palavras suplicantes do salmo que a liturgia do domingo de amanhã, XII.º depois de Pentecostes abre a grande procissão de entrada no templo, procissão que é a nossa íntima procura de Deus no seu templo, que é o nosso ingresso, o nosso introito no lugar sagrado onde Deus faz sua morada terrena para seu encontro com a comunidade dos homens.

"Ó Deus vinde em meu socorro, apressai-vos, Senhor, em me ajudar" esta palavra exprime a ansiedade humana diante dos dramas que cercam a existência da criatura, mas ao mesmo tempo exprime todo um lastro de infinita confiança, de segurança, de fôrça que brota da fraqueza e que é a possibilidade real e concreta que tem a mesma criatura humana, em sua ansiedade, de ter ingresso no mais alto dos céus, de poder dizer com a mesma voz com que fala aos outros homens, aos seus semelhantes, de poder dizer a Deus que espera seu auxílio, que quer o seu socorro, que implora sua libertação.

Esta prece que brota violentamente espontânea do peito do salmista, do cantor do Velho Testamento, terá que possuir a fôrça, o impulso imenso de transpor abismos para poder atingir o Deus de Iavê em sua transcendência. Não importa, os homens santos dos tempos da Aliança do Sinai, os profetas, os salmistas tinham essa audácia, êsse vigor humano de elevar sua voz a Deus como quem procura a face de um amigo, sabendo que, do momento que essa face se manifestasse, como ela é, a vida humana não subsistiria. Os homens de Deus do Velho Testamento pediam o auxílio do Criador com aquela confiança de quem sabe que Deus já o procurou, já encurtou o caminho à sua procura, já o guiou através da terra estrangeira, já o guiou através do mar e através do deserto; já o guiou sobretudo através dos vícios, das murmurações, das tentações de ingratidão, através dos apêlos da idolatria, e da atração dos requintes de outras civilizações que cercavam o povo de Deus. Estas solicitações vinham de povos que não eram de Deus e exerciam a função de desviar de seu caminho o próprio povo de Deus. Há uma segurança estupenda no homem de Deus que recorre àquele que o criou, que o procurou e que

o quer salvar. No entanto é natural em qualquer ser humano êste apêlo ao poder divino. A presença do poder criador é universal e indisfarçável, em tudo êle se manifesta: na matéria e no seu maquinismo, no mineral, no vegetal, no animal, no homem, animal pensante, em tudo que nos cerca. "Acredita-se em Deus como se acredita no sol. Basta abrir os olhos." Razão porque essa oração simplíssima "Deus vinde em meu socorro, apressai-vos Senhor em me auxiliar" é a oração universal de tôda a criatura humana qualquer que seja a sua fé, sua crença, o seu colorido racial, social ou político. Se por ventura essa criatura humana estiver positivamente engajada na religião às avessas da negação de Deus, não sei como seu facciosismo sectário lhe permitirá de se exprimir exteriormente quando precisar do auxílio de seu Criador, não sei como conseguirá travestir em termos de dignidade e protocolo ateístico seu irresistível apêlo à fonte de sua própria vida, seu recurso ansioso àquela que é senhor da vida e da morte. Não sei como se exprimirá o ateu, principalmente quando se lhe deparar um momento de perigo iminente, de verdadeiro ponto de encruzilhada entre a vida e a morte, pelo qual todo o ser humano tem que passar. Não sei, disse, como se exprimirá em palavras, em gestos, em sussurro que seja, êsse impulso irreprimível da prece que faz mover inúmeras vêzes por dia os lábios dos homens de todos os tempos. Não sei como se manifestará exteriormente a prece proibida pelo orgulho, pela cega auto suficiência da razão endeusada, ou pela sociedade embrutecida no exercício dos usurpadores poderes totalitários que não lhe compete; mas a verdade inegável é que a prece não conhece impecilhos, verdade tão mais certa quanto de difícil verificação concreta. A verdade é que o fundo da alma humana exprimirá do íntimo de seu instinto religioso inextirpável a prece sem palavras: Deus que me creastes do nada, sinto que posso voltar ao nada, vinde em meu socorro, apressai-vos Senhor em me ajudar. Quanto mais não será esta a prece dos que presenciaram pela vista ou pela fé a descida do Filho de Deus até o meio dos homens. Os ouvidos de Deus, a solicitude de Deus em nos atender, o seu amor em se comover com nossos pedidos e com nossas misérias de homens são agora também os ouvidos de um homem como nós, a sensibilidade, a vontade, a afetividade, o coração de um homem como um de nós. Na Nova Aliança, portanto, com tanto maior razão, as palavras suplicantes do salmista vibram nos lábios cristãos desde o raiar do dia até as trevas da noite, no coro dos monges, nos caminhos, nas oficinas, nos quartos de hospital como nas salas de aulas.

De ano em ano, a Liturgia resume tôdas essas inúmeras e infinitas ocasiões reunindo num só canto de Introito em tôdas as missas que se celebram na terra, no domingo de amanhã, essa palavra do Salmo que é o anseio da criatura humana que é o modular cantado da confiança do Cristão: "Deus in adiutorium meum intende: Domine ad adiuvandum me festina".

As palavras do salmista pedem ainda no trecho da Antífona do Introito: "confundantur et revereantur inimici mei qui quaerunt animam

meam.' Que sejam confundidos e que temam aquêles que querem a perdição de minha vida, aquêles que desejam o mal para meu destino.

E aqui vemos o que pode significar para o cristão a palavra inimigo, o conceito de inimizade. Diriamos melhor que êsse conceito não existe mais para o cristão. Êle aprendeu definitivamente que desde que o Cristo, Senhor e Deus, ofereceu sua vida pela vida de todos os homens, inclusive e especialmente por aquêles que o crucificavam, pedindo para êles o perdão do Pai, não há mais homem que possa ser inimigo de quem quer que assuma nesta terra a herança da mensagem do Cristo.

Todos os homens são amáveis, são objetos de amor, porque na verdade foram o objeto do maior, do mais perfeito e do mais puro dos amores. Se êles são maus, podem tornar-se bons, principalmente se forem amados, não no que êles têm de mal que é apenas uma veste, uma capa que envelhece e deve ser jogada fora, mas no que êles têm de bom. O inimigo único que ainda existe, não é apenas nosso inimigo, é o inimigo de Deus — estamos pois em boa companhia — é o Pai da mentira, é o espírito da impostura que ladra em tôrno aos homens, que influi na mente dos homens, que os engana, que os fere, que os torna mesquinhos, cruéis, complexados, doentes, despeitados, angustiados, ressentidos, ofensivos, agressivos, embusteiros, histéricos, ladrões, assassinos, mentirosos, que é capaz de torná-los endemoniados — hoje coisa rara no sentido de possessão diabólica pois há processos bem mais simples e curriqueiros de escravizar o homem — inimigo, porém, que não é capaz de fazer apagar da humanidade a marca da Redenção, realizada pelo Cristo, não é capaz de destronar, de destruir a herança eterna de visão que o Cristo dá àqueles que pela Graça e com a Graça o quiserem seguir. O homem não é pois o inimigo, o mau espírito sim é o inimigo único de todos os homens, é dêle que pedimos ao Senhor que nos livre, que nos liberte, que nos proteja, quando oramos com a palavra do Salmista no canto do Introito de amanhã.

## MADRE JOANA DOS ANJOS

Já que falamos em possessão diabólica, ocorre-nos dizer uma palavra sôbre um filme que suscita debates no momento: Madre Joana dos Anjos — Servimo-nos da crítica que sôbre o filme emitiu em Julho de 1961 o comentarista francês de "Informations Catholiques Internationales."

"A grande astúcia do diabo, dizia Baudelaire, é a de fazer crer que êle não existe. É provável que se o grande poeta pudesse ver o filme "Madre Joana los Anjos" pensaria do seu autor o polonês Kawalerowicz: "Com êste a astúcia do diabo terá sucesso." Com efeito, o essencial do debate que pode existir sôbre o filme consiste em que o *sobrenatural* é o grande ausente desta história de religiosas possessas do demônio segundo uma novela poloneza (de Iwaszkiewicz) que situa na Polônia, o longinquo caso, e bastante deformado, das monjas de Loudun, na França, ocorrido na primeira metade do século 17. Explicou-se claramente o autor Kawalerowicz em sua entrevista ao "Monde" de 2 de junho de

1961 declarando que quisera "antes de tudo apresentar uma obra humana", que sua "posição materialista é clara" e que para êle o drama de Madre dos Anjos é que ela "padece de não conhecer o amor humano do qual sente a necessidade". Falar de filme antireligioso ou ideológico não é justo, diz Kawalerowicz, pois o que êle quis fazer foi "uma obra artística que ultrapassasse largamente o problema religioso."

"Seus personagens não são representantes da religião, mas homens e mulheres com roupas eclesiásticas estilizadas que se deslocam em uma paisagem abstrata, de modo a fazer compreender seu caráter simbólico".

As excusas do autor são evidentemente de uma candura digna da autêntica madre Joana dos Anjos que, conforme conta a histtória verdadeira, já com a idade de 10 anos estava numa escola conventual e de lá saíra diretamente para o convento. Como se pode apresentar uma obra humana, apenas humana, se se professa uma visão parcial ou deformada do humano qual seja a visão materialista ? Isso se falarmos apenas do humano, quanto mais não será se o humano que é estudado e trabalhado está de fato colocado, queira ou não o cineasta, num plano de vida, de atividade, de concepção sôbre-humana, sobrenatural da existência ? Os homens e mulheres em habito eclesiástico que se deslocam em uma paisagem abstrata, conformee quer Kawalerowicz, não podem simbolizar coisa alguma para ninguém, senão um tipo de vida humana que só tem significado no plano religioso e sobrenatural; ora, se o autor exclui êsse plano e inclui outras fôrças puramente materiais, portanto desumanizadas, seccionadas da integridade do contexto humano, para movimentar aquelas figuras abstratas, só poderá produzir verdadeiros monstros que serão a mais completa negação do humano; sua mensagem só poderá ser uma disfarçada mas imensa impostura, uma mentira a enganar e impressionar plateias incautas.

É certo que quem mente nunca dirá que está mentindo, de modo que o autor coloca diante dos espectadores algo de aparentemente neutro, certo de que o efeito solapante se produzirá inevitàvelmente.

Entre as críticas que apareceram sôbre sua produção, o próprio Kawalerowicz acha que a melhor, saida na Polônia, foi a de um semanário católico da Cracóvia, onde se diz com simpatia, que é natural ao século XX, mesmo se não se crê no sagrado, de tratar de assuntos dessa natureza, que afinal apenas ilustram a luta eterna entre o bem e o mal. Mas não será fatal que os cristãos fiquem insatisfeitos ao verificar que o sobrenatural no qual crêem não encontra lugar na obra ? Sem exagerar, penso que a estrita justiça exige mais, há aspectos de certos problemas que podem ser omitidos sem grande prejuízo da Verdade. Mas quando se omite, se ignora, se exclui a única explicação, a única significação de algo de extraordinário e excepcional, então a imagem que se dá daquilo é essencialmente falsa, monstruosa, desonesta.

O Comentador francês salienta a beleza artística das imagens, sua sobriedade, a simplicidade e intensidade da ação, a verdade os sentimentos em personagens secundários que podem fazer esquecer o lado desagradàvelmente espetacular das cenas de possessão. O estilo lembra

Dreyer e Bergman, falta contudo sempre esta dimensão sagrada que êstes sabem introduzir em suas cenas quando tratam de assuntos do mesmo gênero e que é essencial. É esta ausência, deliberada mas não menos deplorável, que se lamenta em Madre Joana dos Anjos. Tratar de assunto religioso suprimindo o religioso é fazer obra a-religiosa e mesmo antireligiosa para o grande público, sem falar do contexto polonês atual. A idéia naturalista impregna o filme de Kawalerowicz, mas se êste nega o sobrenatural no que êle tem de incompreensível, é preciso reconhecer-lhe a honestidade de ter apresentado do lado dos não possessos, dos personagens secundários que são bons cristãos, ardorosos, profundamente humanos. Assim, o velho pároco que educa as duas crianças, os dois criados cujas orações cheias de fé e de caridade são emocionantes. Mas os outros, as religiosas possessas, os inúteis exorcistas, todos "ignorando o mundo", como o teólogo que se deixa arrebatar de amor por Madre Joana e mata por amor a ela dois inocentes, na esperança louca de "anexar" a si os demônios e libertar a religiosa, todos parecem-nos tràgicamente mutilados e — de propósito ou não — dolorosamente ridículos. Tivesse o cineasta sido um pouco mais fiel à verdadeira história de Madre Joana e não usaria da facilidade de entregar seu papel a uma mulher bonita a cujo amor, tôdas as platéias compreenderão que alguém possa dificilmente resistir. Estivesse ali a verdadeira Madre Joana como a conhece o historiador Bremond: doentia, espírito complicado, com forte tendência para a histeria, inclinada à simulação, egocêntrica, exibicionista, feia e meio aleijada e tornar-se-ia inverossimil e irrealizável a tese materialista do arrebatamento do amor carnal.

A única religiosa não "possessa' é a irmã rodeira, que freqüenta a estalagem, mistura-se com os homens e se entrega ao nobre que a seduz. Se isso fôsse real, seria a única verdadeiramentee complexada e com neurose de angústia..

As impressões do espectador são pois anti-religiosas, se se deixar enganar pelo embuste.

O rabino que dialoga com o teólogo sôbre os demônios só pode querer dizer que tôdas as religiões se equivalem e são inúteis, só o amor humano está na origem do bem e do mal.

O autor faz com que o teólogo e a Madre paguem concretamente e naturalisticamente o tributo à sua tese que tem perfeita aplicação a tôdas as outras personagens que tiveram a ousadia de querer amar a Deus e ao próximo, como o Cristo os convidou especialmentee a fazer, na integridade do amor virginal. Não é de se estranhar que o autor materialista seja impermeável a essa dimensão sobrenatural do amor humano. O próprio Cristo nos diz a respeito dêsse grande amor que leva a um grande sacrifício por causa do reino dos céus: quem o puder compreender que o compreenda. Discorrer sôbre êle, ignorando-o, é dar a dolorosa exibição de errar às cegas por caminhos cheios de luz e de esplendor, de passear a própria mesquinhês em meio à magnanimidade e à magnificência divinas, exibir o próprio desasseio em meio à limpidez dos linhos

do banquete de purificação que o Cristo prepara para os que o amam e que pagam nesta vida o preço da cruz: do sacrifício e, às vêzes, da incompreensão.

Terminamos êsse nosso programa de hoje com o canto do Agnus Dei, êsse canto em que se invoca a pureza imaculada do cordeiro que dá sua vida, que derrama seu sangue para que se apaguem os pecados do mundo. Por 3 vêzes o invocamos, nas 2 primeiras pedimos que tenha piedade de nós, na 3.ª e última imploramos que nos dê a sua Paz.

(Transmissão de 24.8.1963)


# CANTO GREGORIANO NAS PARÓQUIAS

DISCO com peças do KYRIALE

CÔRO DO INSTITUTO PIO X

*Direção: D. João Evangelista Enout O.S.B.*

Kyrie XVI, Gloria X, Prefácio
Sanctus e Agnus XVIII, Credo I

Procurem o nôvo Disco do Instituto Pio X

à Rua Real Grandeza, 108 ou

Edições "Lumen Christi"

Mosteiro de S. Bento - C. P. 2666 - ZC-00, GB

**PREÇO: CR$ 1.000,00**

# INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO

Rua Real Grandeza, 108
Tel. 26-1822 (GB) Botafogo

CURSOS: Liturgia - Canto Gregoriano - Solfejo e Impostação da Voz - Dicção - Ensaios

MATRÍCULAS ABERTAS

*Diversos locais para as aulas.*

Para Matrículas e Informações dirigir-se ao
INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO
Rua Real Grandeza, 108 — Tel. 26-1822
das 8 às 11 h. e de 14 às 17 h.

---

## AULA INAUGURAL

por D. João Evangelista Enout O.S.B.

dia 14 de Março de 1964 às 14 hs.
no Externato Angelorum

**Cr$ 136.400,**
(POSTO SÃO PAULO)

# LIMAX VITÓRIA

LITROS DE CAPACIDADE

— O MELHOR REFRIGERADOR BRASILEIRO PELO MENOR PREÇO

O novo refrigerador Climax Vitoria foi aperfeiçoado nos mínimos detalhes para oferecer a máxima comodidade em todo o seu espaço! Nenhum outro refrigerador oferece tanto, por tão baixo preço.

MAIOR BELEZA — Nova pintura [illegible] Climax Vitoria sempre [illegible] novo.

MAIOR DURABILIDADE — Superconstruído para durar toda a vida! [illegible] precisor, de funcionamento silencioso.

MAIOR ELEGÂNCIA — Novas cores [illegible] internas. Primoroso acabamento.

MAIOR ESPAÇO — 270 litros de espaço bem dividido! Grande congelador horizontal, porta inteiramente aproveitável. Lugar de [illegible] todas as coisas [illegible] sem [illegible]

MAIOR EFICIÊNCIA — Novo termostato aperfeiçoado, ultra-sensível, muito mais preciso.

À VENDA COM FACILIDADES NOS CONCESSIONÁRIOS CLIMAX — A MAIS IMPORTANTE E CONCEITUADA REDE DE CONCESSIONÁRIOS DO BRASIL

FOR LIBRARY USE ONLY.

Princeton Theological Seminary Library

1 1012 01459 9189

FOR LIBRARY USE ONLY